

RECONSTRUINDO A VIDA AOS DOZE

(título provisório)

especialmente escrita para:

Andréa Beltrão e

grande elenco(em vídeo)

criada em 1991

escrita em outubro,novembro e dezembro de 1992

para ser finalizada durante os ensaios.

FELIPE PINHEIRO

SINOPSE

Sindromí nasceu em Copacabana, filha única. A mãe é uma dona de casa medíocre, classe média remediada e perversa. Pai ausente e funcionário público aposentado. Sua carreira de artista começou cedo. Aos seis meses fez comercial de bebês para o shampoo PLIM-PLIM. Desde essa época, sua mãe a agencia (explora). Mesmo faminta, Sindromí gravava comerciais 18 horas por dia em estúdios insalubres.

Aos 4 anos já era apresentadora de programas infantis para a TV. Estourou nas Paradas de Sucesso logo no primeiro disco. Era assediada por uma legião enorme de fãs. Mas foi obrigada a estudar, o que a deixava exausta e furiosa com a “imaturidade” de suas coleguinhas.

Aos 6 se casou com um rapaz “bem mais velho”. Sentia necessidade de um “homem” mais experiente para compartilhar suas carências. Sua mãe foi contra. O nome dele era Paulinho tinha 10 anos, quase o dobro da idade de Sindromí, e fazia parte do conjunto infantil “Dedo Mindinho”. Foi amor à primeira vista. O casamento durou apenas 1 ano tempo suficiente para Sindromí se decepcionar com o caráter ciumento de Paulinho, que a obrigou a comprar todos os exemplares das revistas em que ela aparecia nua no tal anúncio de shampoo (mesmo a foto sendo dela bebê). Paulinho não gostava de saber que sua mulher podia ser vista nua por algum colecionador ou fã. Sindromí saiu do casamento tão abalada que foi fazer análise todos os dias (às vezes levava seu analista nas excursões). A análise freudiana ortodoxa durou apenas 6 meses, tempo suficiente para ela sacar que sua mãe não valia nada. Rompeu com a mãe e teve que pagar uma multa contratual altíssima.

O 2º disco consagrou Sindromí definitivamente. Ela só saía de casa com 4 seguranças. Possuía uma enorme coleção de ursinhos e se alimentava de 2 hambúrgueres, alface queijo, molho especial, cebola, picles num pão de gergelim, e sundaes com muita castanha. O sucesso subiu à cabeça e Sindromí, sentindo-se insatisfeita com tudo, emburacou nas drogas. Não era “pra ela” uma fuga da realidade; era uma espécie de “esticar o elástico só para ver se arrebenta”, queria conhecer seus limites. O elástico arrebentou. Aos 8 anos Sindromí foi parar numa clínica de desintoxicação, onde conheceu seu 2º marido, um “homem” também “bem” mais velho. Claudinho tinha 12 para 13 anos e inspirava confiança.

Claudinho era fraco em todos os sentidos: 1º- não teve forças para largar o pó. Falava desesperadamente. Sindromí tentou ajudá-lo, mas ele não dava espaço para ela completar a frase... Depois Claudinho só queria se aproveitar do dinheiro e do status da estrela. Além disso tudo, Claudinho pirou quando soube que Sindromí estava grávida (aos 8 anos e meio de idade tudo precoce para ela). Esse aborto clandestino, somado à 2ª separação fez com que ela procurasse outra análise, agora, lacaniana. As sessões de análise eram tão rápidas, que mal dava tempo de para Sindromí assinar o cheque para efetuar o pagamento. Nessa época, Sindromí já sonhava com a aposentadoria aos 30, quando ela já ia estar “velha”... Pendurar as chuteiras...

Sindromí fuma desde os 2 anos de idade – foi da chupeta para o cigarro. Livre das drogas, o alcoolismo veio para segurar a fissura. Bêbada, Sindromí dava altos vexames no “Baixíssimo Leblon”, quebradeira que era paga pelo dono da gravadora. Nessa época, teve uma experiência homossexual. Até que o seu 4º disco não emplacou, e Sindromí teve que trabalhar o dobro para cumprir a Agenda de Shows, que triplicaram. Fracasso dá mais trabalho do que sucesso. Vez por outra ela estava numa clínica para se recuperar do stress ou por conta de uma depressão profunda...

A reconciliação com sua mãe veio logo depois. Uma conversa patética em que as duas se desculpavam, por coisas absurdas. Mas Sindromí “cresceu” muito com esse papo cabeça. Foi um diálogo comovente e débil-mental.

A volta à TV foi graças a uma “entrega” a um diretor poderoso de uma rede de televisão. O resultado dessa trepada foi o 2º aborto. Ela até queria Ter filhos, mas não queria que um bebê atrapalhasse sua carreira. O programa ela “pra cima” novamente. Pensou em comprar uma fazendinha e dar um tempo (uns 20 dias). De repente o corpo de Sindromí começou a se transformar mesmo. Ela começou a engordar e teve que ir várias vezes para um spa, perder 15 quilos em uma semana.

A morte do pai lhe trouxe rugas “precoces”. Vieram as primeiras plásticas (foi uma série enorme – Sindromí, hoje, é quase um siborgui). Esse contato com a morte trouxe uma vontade de conhecer melhor a religião e o esoterismo. Mudou seu nome para SÍ-DÓ-MI. Fez um turismo esotérico e numa “regressão” descobriu vários personagens que havia representado em outras vidas. Nenhum de grande importância. Conheceu também o ciniase YLAIÎÔ-Ê-Ê-Ê, seu 3º marido. YLAIÎÔ-Ê-Ê-Ê era super-Zen, um verdadeiro Buda. Compreendia tanto SÍ-DÓ-MI, que ela encheu o saco logo dele. Foi a 3ª separação.

A solidão ensinou muita coisa a Sindromí... Muita saudade, saudade de tudo! Começou a cantar músicas nostálgicas. Sindromí nessa época se sentia uma “mulher feita” – quase criou um personagem de si própria: vivida, madura, consciente do mundo cão. Dava entrevistas bombásticas.

No final dessa saga, Sindromí vai tirar a “máscara-plástica” e revelar a vida de uma criança cheia de rugas e marcas do tempo. Muito impressionante!!! Uma redenção com a vida, tempo e espaço. Reconstruindo a vida aos doze!!!!!!!!!!

ENCENAÇÃO COM VT

No fundo do palco estão três janelas onde são projetados vídeos. Estas imagens hora são de paisagens (céu, mar, prédios), como se estivéssemos de um interior, vendo a vista, e hora são do próprio interior dos “cenários”: casa, clínica, estúdio de TV, etc.

Nos VTs (janelas) também estão todos os personagens que contracenam com Sindromí – aproximadamente 20 atores e 15 cenários.

Outras duas janelas, desta vez na boca de cena, mostram imagens complementares projetadas em slides.

Apesar de só haver uma atriz em cena ao vivo, não se trata de um monólogo. Nossa heroína, que vive essa “saga”, precisa dar a sensação de uma vida intensa, vivida num curto espaço de tempo. Assim, com os vários cenários reais e em movimento, e todos estes personagens contracenando com Sindromí, queremos que o público passeie pela história como se fosse uma “brincadeira muito real”. E mais ainda, apesar de tão acompanhada e em tantos lugares diferentes, o fato de apenas ela estar realmente no palco pode dar ao público a dimensão da solidão de Sindromí.

O recurso do VT também possibilita colocar em cena a tão falada multimídia, a união de diversas formas de expressão artística se manifestando no mesmo evento. Esta junção de linguagens diferentes parece ser o desejo do artista do final deste século. Não nos satisfaz mais o teatro só com a fala ou imagens cênicas marcantes. Sentimos necessidade da música, do canto, do vídeo, da dança, artes plásticas, cinema... Essa mistura que vemos em outros veículos de entretenimento e que está ligada à nossa imaginação quando criamos qualquer obra atualmente.

Não queremos que este encontro de recursos seja gratuito, mas pretendemos utilizar esta mistura para melhor contar a história. Corremos o risco, mas essa “saga” parece nos dar a chance de começar a caminhar no sentido dessa “união de forças”.

TRILHA SONORA

A história precisa não só de uma boa trilha incidental, mas também de músicas compostas especialmente para nossa cantora e apresentadora mirim. Estamos convidando também compositores conhecidos para transformar as idéias musicais propostas pelo texto em canções personalizadas para contar essa parte tão importante do espetáculo.

Às vezes a música tem o mesmo peso que uma cena e é utilizada como um prolongamento do texto.

A atriz cantará várias vezes ao vivo com um background pré-gravado. Às vezes a música funcionará apenas como fundo, outras vezes será realmente parte do texto, e as imagens do vídeo, somadas à atriz em cena construirão um trecho completo da peça.

APRESENTAÇÃO

É a história de uma cantora e apresentadora de programas infantis que aos doze anos já passou por “tudo” e quer “reconstruir a vida”.

Vamos abordar um grande número de temas, tais como: drogas, religião, esoterismo, análise, sexo, escolha de profissão, arte, casamento, família, separação, homossexualismo etc. Enfim, grandes temas que nos afligem no dia a dia e que, através da ótica de uma criança, temos a liberdade de manusear de uma forma direta, sem a pretensão de dar uma resposta definitiva. Apresentando tão “corriqueiramente” esses temas, revelamos o quanto todos nós usamos, falamos e agimos com essas questões sem nos dar conta de como isso tem se modificado e como é importante rever nossa abordagem sobre assuntos tão sérios e em permanente transformação.

A intenção é essa: contar a “saga” de uma menina em 1 hora e 20 minutos de espetáculo. Com aproximadamente 20 personagens em cena (nos VTs), uma quantidade enorme de cenários, músicas, locações, situações e acontecimentos, não pretendemos moralizar, se é bom ou ruim o “problema” de uma garotinha começar a trabalhar e ter uma vida afetiva tão cedo. E sim mostrar com a aventura dessa menina a tragédia e a comédia de “uma vida inteira”.

RESUMO DAS CENAS

O resumo das cenas que se segue descreve os fatos, acontecimentos, movimentos e idéias da peça. Todas as cenas estão sendo escritas na sua forma final seguindo este roteiro de espetáculo. O Anexo traz os seguintes exemplos de cenas finalizadas:

Entrada do público (Prólogo) até:

CENA 14: Clínica Anti-Drogas, com médico e descoberta de Claudinho.

CENA 20: Desculpe mamãe.

CENA 25: Clínica Para Stress – Relato a uma enfermeira chocada.

SEQUÊNCIA DAS CENAS – ÍNDICE

CENA 1 Prólogo: Ambientação Para o Show.

CENA 2 Show – Música “Eu sou o futuro, o futuro é agora”.

CENA 3 Parabéns pra você – Choro desconcertante.

PASSAGEM 1 Choro das crianças + Clip de caracterizações: de bebê à época atual.

CENA 4 Anúncio do Shampoo Plim-Plim – “Mamãe descobrindo a mina de ouro”.

CENA 5 Gravação do programa “Criança lambança” – Apresentadora de sucesso.

CENA 6 Saída da escola com as amiguinhas – “Colégio é um saco”.

CENA 7 Descobrimo o amor com um homem bem mais velho, Paulinho, o amor à primeira vista.

CENA 8 Mamãe, eu vou sair de casa para casar com Paulinho + papo franco.

PASSAGEM 2 A compra das revistas – leilão.

CENA 9 Análise Freudiana – Separação de Paulinho + “Mamãe é má”.

PASSAGEM 3 Limousine – Autógrafos na cidade.

<u>CENA 10</u>	Casa de brinquedo – Cotidiano de uma “estrelinha”.
<u>CENA 11</u>	Briga com a mãe – Rescisão Contratual.
<u>CENA 12</u>	Música do sucesso – Produtor da gravadora e experiência homosexual.
<u>CENA 13</u>	Terror – Drogas – Paranóia.
<u>CENA 14</u>	Clínica Anti-Drogas com médico e a descoberta de Claudinho.
<u>CENA 15</u>	Brochada de Claudinho.
<u>CENA 16</u>	Canção do Fracasso.
<u>CENA 17</u>	Alcoólatra – briga com a concorrente – quebradeira – trabalho triplicado.
<u>CENA 18</u>	Aborto – A Agente: Fora da lei, Propinas, Subornos, CPI.
<u>CENA 19</u>	Análise Lacaniana – Pequena Redenção.
<u>CENA 20</u>	Desculpe mamãe.
<u>CENA 21</u>	Viagem esotérica - Regressão
<u>CENA 22</u>	3º Casamento – vida em comum com Ciniase Yylaiô-ê-ê-ê – Decepção.
<u>CENA 23</u>	Solidão com músicas de saudade– Poupurri.
<u>CENA 24</u>	DIRETOR DA TV – “A Entrega”, afinal a vida continua...
 <u>PASSAGEM 4</u>	 Sucesso, jornais, revistas, televisões e entrevistas.
 <u>CENA 25</u>	 Clínica para stress – relato a uma enfermeira chocada.
<u>CENA 26</u>	Reconstruindo a vida.
<u>CENA 27</u>	Entrevista: Digo e desdigo o que não disse – “Quem sou eu?”.
<u>CENA 28</u>	Música Final.
<u>CENA 29</u>	Epílogo – Recorte: Tragédia e Comédia.

CENA 1 **Prólogo: Ambientação para o Show.**

Começa a peça com slides nas janelas laterais, fazendo uma decoração colorida. Nas janelas do fundo vemos primeiro Sindromí se aprontando para o show no camarim. O som é um misto de crianças histéricas, aplausos, sirenes e instrumentos musicais sendo preparados – acordes e afinação, zunidos, microfônias, etc.

Depois vemos uma platéia de crianças alucinadas (arquivo de show da Xuxa ou Angélica). E finalmente, fora de casa de espetáculos ou estádio, uma multidão forçando entrada e sendo espancada por policiais (takes fechados).

Começa a correria de Sindromí nos corredores até chegar ao palco. Cordões de isolamento feitos por seguranças brutamontes. Alguns pequenos fãs tentam agarrar Sindromí e são esbofeteados (na cara se possível). Parece a entrada de um show dos Rolling Stones.

Sindromí chega finalmente à cena. Nas janelas do fundo temos a visão do público infantil do ponto de vista de Sindromí. Código falseado aceito por 9 entre 10 espectadores de teatro.

A platéia de crianças é trocada por um grupo de músicos que acompanham Sindromí. Dão-se os primeiros acordes.

CENA 2 **Show – Música “Eu sou o futuro, o futuro é agora”.**

Sindromí dá boa noite e é ovacionada por seus fãs. Canta a canção. Tema: “Esperança, futuro, daqui pra frente, o passado passou. O mundo começou agora, o futuro é já”. A letra está sempre no singular: “Eu quero verde”, “Eu sou o futuro do mundo”, “Quero os meus direitos”, “Eu sou criança nesse mundo” Talvez não dê para perceber isso por enquanto, mas daqui a pouco vamos sacar que a palavra NÓS não foi dita.

CENA 3 **Parabéns pra você – Choro desconcertante.**

No final da música, aplausos da platéia fictícia e introdução de “Parabéns Prá Você” tocado em ritmo de rock. Entra um bolo monstruoso. Apagam-se as luzes até quase podermos ver só o rosto de Sindromí iluminado por apenas duas velinhas que mostram o número doze, como se fosse em close-up. A atenção passa para a cara de Sindromí se desmanchando daquele tipo “menina tolinha” para uma “mulher solitária e envelhecida”. Silêncio absoluto para o assoprar das velinhas, que termina com um pranto-desconcertante.

PASSAGEM 1 **Choro de crianças + Clip de caracterizações: de bebê à época atual.**

Nas janelas várias crianças chorando fazem essa passagem de tempo. (Não deve ser especialmente dramática a imagem das crianças chorando. Deve ter muitas cenas engraçadas. Nada de Etiópia. Não é o caso).

Como numa roleta, vemos nas janelas do fundo, imagens de várias idades e situações de Sindromí. A câmera mostra um clip de caracterizações da heroína, de bebê à época atual. Virtuose engraçada da atriz. A imagem fixa Sindromí bebê num anúncio tipo “Bebê Johnson”.

CENA 4 **Anúncio do Shampoo Plim-Plim – “Mamãe descobrindo a mina de ouro”.**

Sindromí está gravando o comercial de fraldas. Engatinhando, segue em direção à platéia, quando deveria ir para o fundo. O diretor ralha com a mãe. Ela mãe ralha com Sindromí, como se Sindromí pudesse entender que “está fazendo tudo errado, de propósito”. Sindromí não entende nada e responde a todos na língua “internacional dos bebês”, em “gugús-dadá”. Mas acaba agradando com sua alegria inocente. Ela está com 6 meses e meio. Sua mãe descobriu que a filha é uma mina de ouro.

CENA 5 **Gravação do programa “Criança-Lambança” – Apresentadora de sucesso.**

Sindromí tem 4 anos de idade e veste-se como uma menininha (pode até estar de macacãozinho, tipo rural americano). Às vezes ela está IN, gravando super-animada, ou EM OFF, dormindo, morta de

sono, ou com alguém fazendo ela decorar as falas (ela ainda é analfabeta). A brincadeira da cena é esse contraste de: exausta, sendo maquiada, decorando, dormindo, com fome, com vontade de fazer xixi, e, no “gravando”, super-meiga, bonitinha, feliz cantando musiquinhas, fazendo joguinhos e íntima da câmera.

CENA 6 **Saída da escola com as amiguinhas – “Colégio é um saco”.**

Colégio de freiras. Um bando de meninas, uniformizadas, saem em disparada para fora dos portões. Sindromí vem por último com mais 3 colegas. As colegas falam de assuntos “infantis”. Sindromí emburrada e calada, achando um saco, respondendo monossilabicamente a tudo: “Uhum... Ah... Tá... etc. Até que vira o centro das atrações e começa a falar coisas que as coleguinhas “boiam”, tipo: “show-bis”, “maneger”, “background” e uma porção de expressões em inglês que farão sentido para nós espectadores, mas que para as garotas serão “grego”. É o começo do sucesso e Sindromí conta seus planos para o futuro (muito próximo). Dinheiro, excursões, estratégias de marketing, etc.

CENA 7 **Descobrimo o amor com um homem bem mais velho – Paulinho, amor à primeira vista.**

Essa cena também se passa nos estúdios da TV. Os “Dedo-Mindinhos” acabaram de cantar. Paulinho, líder do conjunto, sai cansado da gravação e reclamando muito. Ele já conhece bem a máquina e reclama de coisas específicas da gravação, tipo: “O play-back tava baixo” ou, “Tinha que ter dado mais retorno”, e ainda “Pegaram o meu pior ângulo.” Sindromí baba com a desenvoltura do “rapaz” (ele tem 10 anos). Ele é tão “descolado”, que ela parece um bebê ao seu lado. Fica “otária de amor”, e, tentando se mostrar mais forte, fica mais frágil ainda. Mas Sindromí agrada a Paulinho, justamente pela sua inocência. Desperta em Paulinho uma vontade de estuprar criancinhas e ser super-homem. Ele faz o papel de super-homem com todo o prazer, cagando uma regra atrás da outra. Um desajeitado beijo é dado, selando o final da cena romântica. Nos slides ficam dois bilhetes de amor decorados por coraçõezinhos, estrelinhas, etc. Pode ser musicado.

CENA 8 **Mamãe, eu vou sair de casa pra casar com Paulinho + papo franco.**

Sindromí está com 6 anos. A argumentação da mãe para Sindromí não casar não é por causa da pouca idade e sim porque o casamento pode atrapalhar a sua carreira, além do Paulinho não ser um bom partido. A cena começa com uma boa frase de efeito de Sindromí, tipo: “Mãe, eu não sou mais virgem. “O papo avança como se fosse uma conversa franca de mãe e filha sobre “a vida”. Rola um constrangedor papo sobre menstruação, moddessa, camisinha, esperma, masturbação, não chega ao corrimento, mas dá a entender. A mãe fala mesmo. É franca. Sindromí aproveita a liberdade e conta os seus planos para o casamento daqui a duas semanas. Mamãe percebe que pode perder o controle sobre a menina e seus negócios. Mas Sindromí a tranqüiliza. Excitadas, as duas começam a sonhar com a festa.

PASSAGEM 2 **A compra das revistas.**

Montagem muito bem feita mostra numa página de revista tipo Desfile, um anúncio com um bebê engatinhando de costas e olhando para trás. Se não fosse um bebê, seria uma foto ideal para revistas masculinas. O corpo é de um bebê e o rosto é o da atriz. O anúncio vem girando no VT até mostrar perfeitamente Sindromí enorme. A foto parece se mexer e um sorrisinho safado pinta no rosto da bebê. Ouvimos a voz de Sindromí mandando comprar por qualquer preço todos os exemplares da revista. Como se fosse num leilão, ela vai subindo a oferta até cifras astronômicas. Ouvimos ao longe exclamações de “ohs”, “ahs”, de uma suposta multidão espantada.

CENA 9 **Análise Feudiana-Separação de Paulinho + Mamãe é Má.**

Ana Frida, a analista, começa a sessão tentando lidar com Sindromí como se ela fosse uma paciente-criança-normal. Põe no chão do consultório papéis com lápis de cor para desenhar, brinquedos educativos tipo: cubos para encaixar, bonecos-família: papai, mamães e filhinhos. Sindromí desmonta a analista com o relato da sua vida dura, de questões “profundas” que a perturbam e angústias. Fala como uma criança, mas os problemas são de uma “adulta”. Ana muda de tática e embarca na aventura

de lidar com Sindromí diferentemente. Usa jargões de “interpretação” tipo: “Você está me dizendo que não se permite ser feliz?”, Sindromí retruca em dobro: “Você é que quer que eu diga isso; eu sou muito feliz! Não agüento é o ciúme de Paulinho. Não se projeta em mim”. Essa cena é entrecortada de imagens de passagem de tempo dentro dela mesma. E o período de sessões é de seis meses, tempo para acontecer a descrição da separação com o Paulinho e a descoberta que “mamãe não vale nada.”

PASSAGEM 3 Limousine – Autógrafos na Cidade.

Takes de Sindromí passeando na sua Limousine branca, cheia de seguranças e dando autógrafos a torto e a direito. Autógrafos em restaurantes chiquérrimos, na rua, etc. O carro chega à porta da sua casa, uma super-mansão. Ela entra na casa. É uma casa de brinquedo, com ursinhos fofinhos espalhados e uma decoração infantil.

CENA 10 Casa de brinquedo – Cotidiano de uma “Estrelinha”.

As criadas, vestidas de Sindrometes, estão servindo o almoço de Sindromí: dois hamburgers, alface, queijo, molho especial, cebola, pickles num pão com gergelim, batata frita e um sundae duplo. As meninas desmarcam entrevistas, mostram a enorme correspondência dos fãs, faxes. Um corre-corre danado. É uma cena em ritmo de clip, como a vida dela. É divertida e vertiginosa.

CENA 11 Briga com a Mãe – Rescisão Contratual. Começa com a fala de Sindromí:

SINDROMÍ: “Mamãe, eu não estou à venda.”

MÃE: “ – Mas eu não estou te vendendo, estou só alugando. Empréstimo, minha filha...”

Começa uma briga e mamãe, muito esperta, mostra o contrato de agenciamento que ela tem. Termina a cena com um rompimento afetivo e jurídico entre as duas. Falam-se muitas verdades. Coisas duríssimas. Tem muito caldo...

CENA 12 Música de Sucesso – Produtor da Gravadora e Experiência Homossexual.

Show em lugar aberto. Começa com a introdução da música e um grupo de meninas (Sindrometes) vestidas com motivos bem infantis, dançando uma coreografia de “farra das crianças”. Elas mostram a língua, abanam as mãos atrás das orelhas. O clima é de fazer palhaçadas. Entra a nossa estrela e dança a coreografia em sincronia com as garotas. A música tem uma letra exaltando o “ser criança” em todas as idades:

“Não deixe a criança que vive dentro de você morrer”.

“A criança que existe dentro de nós todos”.

“Brinque, jogue, divirta-se”.

“Um sonho de criança pode se tornar realidade”.

“A criança adormecida pode ser o adulto acordado”.

O produtor da gravadora conta o dinheiro na bilheteira. Tudo é bom: Sindromí parece estar ótima, o público a adora, as Sindrometes arrasam. Sindromí agradece e no caminho para o seu camarim se mostra muito cansada. Vai tirando os adereços e maquiagem.

Do lado de fora do camarim de Sindromí tem uma fila de fãs meninos esperando seu autógrafo. No meio, “parecendo” um menino, está Sonião. E na sua vez de ganhar um autógrafo de Sindromí, Sonião tascou-lhe um chupão e dá uma cantada direta. Sindromí desarma e ainda tenta ter um papo cabeça, mas a sabatina argumenta que há uma experiência que Sindromí tem que ter. Fecha-se a porta e ouvimos barulhos estranhíssimos das duas transando, entrecortado de: “Que loucura!”, “Me come toda!” e ainda bofetadas, pancadaria gostosa e muito mais.

CENA 13 Terror – Drogas – Paranóia.

Música ao fundo em clima de terror. Nos telões vemos imagens de colheres com um pouco d’água, seringas puxando o produto, canudos de dinheiro, trilhas de pó, etc. Imagens gigantes, em close, que dão uma tremenda aflição. Sindromí está completamente travada e paranóica. Olhas as janelas. As imagens agora são de dentro da sua casa com vista para a cidade. Olha se alguém da rua a

está observando. Escuta atrás da porta. Resolve ir até a cozinha pegar um copo d'água, mas antes, desliga os telefones, depois desliga as luzes e finalmente atravessa o palco se arrastando (como se fosse uma guerra) com medo de ser vista por alguém, até chegar na cozinha. Pega a água e volta se arrastando de novo para o quarto.

CENA 14 Clínica Anti-Drogas, com Médico e a descoberta de Claudinho.

A cena começa com o médico dizendo: “É muito mais fácil se livrar da dependência quando o próprio viciado resolve se internar. Agora você começa a trabalhar na horta”. Mostra pra ela o lugar onde ela vai capinar e seu colega de “enxada”. O dependente é Claudinho, que diante do médico está mudo e cabisbaixo. O médico sai e Claudinho começa a chorar e a falar muito, ao mesmo tempo. Desperta imediatamente o instinto maternal em Sindromí, que com a vontade de ajudar o seu colega, começa a se envolver amorosamente, e, sem perceber, fica forte o suficiente para se ajudar a largar o vício. No final, ela está capinando pra ele, enquanto Claudinho continua falando sem parar, mas mais “legal”. Decide-se um casamento sem protocolos e imediatamente; Sindromí resolve todos os entraves burocráticos e financeiros da vida de Claudinho. Vira mãe do marido falastrão.

CENA 15 Brochada de Claudinho, a Separação.

Essa cena é na cama, depois de uma brochada de Claudinho, graças ao pó. Claudinho explica teoricamente sua brochada, uma falação insuportável. Sindromí só quer dormir um pouco, mas Claudinho precisa de alguém para ouvi-lo. Sindromí de vez em quando tenta conversar com ele, mas ele está muito “envolvido” com seu monólogo que é uma mistura de revolução contra-cultura com um amor-humano. Réplica de Sindromí: “Só poder ser humano, né, Claudinho? A gente não é marciano...”. A separação dos dois é feita nesse clima, e tudo é decidido ‘racionalmente’. Com o caráter duvidoso de Claudinho, o menino acaba saindo do casamento com uma casa, um carro e uma pensão. Essa cena conta a história do casamento dos dois, histórias em comum, e tudo mais, desse “tempão” de relação.

CENA 16 Canção do Fracasso.

Takes de várias platéias vaiando. Manchetes de jornais dizendo horrores sobre Sindromí, baixaria. No meio desses VTs gráficos, uma personagem, também apresentadora de programas infantis, briga com Sindromí. Num clima de “bastidores-submundo da TV”, Sindromí atira coisas contra ela, que fica toda suja no VT; enquanto isso, Sindromí consegue se safar das pedras que a outra atira para dentro do palco (cena de magia).

CENA 17 Alcoólatra – Briga com a concorrente – Quebradeira – Trabalho triplicado.

Aproveitando o final da cena 16, Sindromí continua a atirar coisas na direção das janelas-VTs, mas o cenário mudou. Vemos cenas noturnas onde jovens se encontram para tomar um chopp ao ar livre. Os pobres coitados são alvo dos arremessos de Sindromí, que acerta essa gente com sanduiches, torta e “pastelões”. Barulho de sirene da polícia corta essa “bandalha”. Sindromí vai para o telefone e as imagens de rua se transformam no cenário da casa dela. Do outro lado do aparelho, ouvimos a duríssima voz do dono da gravadora dando uma bronca em Sindromí e avisando que é a última vez que ele paga os estragos da “bêbada”. Além disso, dá uma agenda de shows impossível de ser cumprida de tão lotada. É o fracasso. Fracasso dá mais trabalho que o sucesso...

CENA 18 Aborto – Agente: fora da lei, propinas, subornos, Cpi.

Claudinho deixou em Sindromí uma herança em seu pequeno ventre. Sindromí conversa sozinha sobre ter ou não ter o bebê, e resolve não tê-lo para não atrapalhar sua carreira. Combina o aborto com a sua agente. (Cena fora da lei, recheada de propinas, subornos e contravenções... CPI!).

CENA 19 Análise Lacaniana - Pequena Redenção.

Tem a mesma dinâmica da 1ª. Análise, ou seja, são vários trechos de sessões dando a idéia de um tempo de tratamento. Nas 1as. sessões, a duração é tão pequena, que mal dá tempo de Sindromí preencher o cheque para pagar. Os trechos são curtos, porém vão vindo com “significados”, e surge a idéia de uma pequena redenção de Sindromí consigo mesma. Amadurece e percebe, por exemplo, que a

mãe é uma pobre coitada. Que o Paulinho era muito imaturo e que Claudinho é digno de pena. Começa a ter pena de tudo e de si mesma.

CENA 20 **Desculpe Mamãe.**

Sindromí está caminhando de costas para o público. A imagem é de uma rua estreita ao entardecer. Uma bela música acompanha o movimento. Abre a porta e começa a passear no interior de uma casa deserta. O ponto de vista do passeio das imagens é o de Sindromí (subjativa). Passa por um quarto de criança com a porta entreaberta e fica um instante. Segue na direção do final do corredor e abre a porta. Sua mãe está sentada na beira da cama, como se a estivesse esperando. Depois de falar duas ou três banalidades, começa a pedir desculpas para a pobre mãe. Mamãe devolve as desculpas com mais pedidos de perdão. A competição chega ao fim quando Sindromí pede desculpas por ter nascido e a mãe pede desculpas a Sindromí por tê-la gerado.

CENA 21 **Viagem esotérica – Regressão.**

Sindromí está deitada no chão – as janelas mostram um céu cheio de estrelas. A voz de uma “gurua” induz a viagem às vidas passadas: – “Vamos imaginar que nós estamos saindo de nosso próprio corpo físico, indo em direção a uma luz. Olhem só que linda é essa luz! Vamos regredir no tempo, vamos visitar nossas vidas passadas. A luz é a nossa guia. Vamos decolar! Vejam os corpos de vocês lá embaixo. Flutuem no tempo e no espaço. Olhem para os lados, o que vocês estão vendo?” Sindromí narra e as imagens ficam por conta da nossa imaginação. Sindromí não foi princesa, Cleópatra, sacerdotisa, nada importante mesmo. Foi dona de casa no Afeganistão, mendiga na Índia, marujo de um navio negreiro. Mas a última revelação é muito importante: Sindromí não é terráquea, veio à terra numa expedição científica, como a assistente do assistente e foi esquecida. Mas, Sindromí tem muitas saudades do seu planeta natal. Ela ficou toda arrepiada de saudades.

CENA 22 3º. Casamento – Vida em comum com Ciniase Ylaiô-ê-ê-ê – Decepção.

A cena anterior da viagem às vidas passadas ajuda a dar esse salto de tempo para o já estabelecido casamento com Ylaiô-Ê-Ê-Ê. Sindromí está em casa tentando se adaptar ao marido “Buda”. Ele está em posição de lótus para meditação. Sindromí anda na ponta dos pés para não perturbá-lo. Quanto mais ela toma cuidado, mais esbarra em objetos, fazendo um barulhão. Sente-se culpada e pede desculpas o tempo todo. Ylaiô compreende o “desequilíbrio” da companheira, mas não quer muito papo, está na dele. Sindromí enche o saco, e começa a cobrar mais vida física do marido. Ylaiô não entende, mas perdoa a falta de espiritualidade da companheira. Finalmente, Sindromí reclama a falta física mesmo. Ylaiô mostra a Sindromí sua visão diferente das coisas. Sindromí continua a pedir mais chão de Ylaiô; ele entende e perdoa. Enfim, depois de ficar bem claro que os dois são muito diferentes, um yin, outro yang, Ylaiô sai de casa e do casamento com a maior calma, deixando Sindromí num silêncio profundo.

CENA 23 Solidão com músicas de saudade – poupurri.

Por do sol na praia. Praia deserta, Sindromí no palco segue em direção ao mar (janelas). Toca a música da Disneylândia “Some Day My Prince Will Come!”. Nas janelas laterais está a tradução literal da música. Sindromí está vestida quase como uma colegial. Tira o sapato, as meias, solta os cabelos. Finge molhar os pés na beira d’água, dá uns passos para trás, senta, pega um punhado de areia com as mãos e deixa escorrer entre os dedos abertos. Tira a blusa (está de combinação por baixo). Puxa a saia mesmo sentada, olha bem o mar, vira-se para a platéia e dá um suspiro e um espirro profundos. Vai se deitando lentamente. Lentamente também, a luz do por do sol vai caindo, até deixá-la no escuro. Nas janelas o mesmo “cenário” vai passando de dia pra noite. Sindromí agora está numa boate e começa a cantar um poupourri de versões – músicas de saudades.

CENA 24 Diretor da Tv – “A entrega”, afinal a vida continua...

Sala do Diretor de TV. Um aparelho de televisão está permanentemente ligado. Ele é um sebososo. Trata a menina como um paizão, a fim de salvar a carreira da estrela mirim. Negocia o salário como se estivesse dando uma mesada. Papo vai, papo vem, e o Diretor chama Sindromí para

“carinhosamente” sentar no seu colo. Sindromí saca quais são as intenções do cara, mas sabe que é isso ou rua. O dilema quase dá uma curva de 180^o na cena, mas a tolinha está com medo e ao mesmo tempo, se sente superiora a isso tudo e pensa que: “Também está sendo muito esperta em topar isso friamente”. Eles transam no banheiro. Sindromí sai dali com outra roupa e uma postura de mulher feita, pronta para dar entrevistas verdadeiras.

PASSAGEM 4 **Sucesso, Jornais, Revistas, Televisões e Entrevistas.**

Sindromí quase cria uma personagem de si mesma. Vivida, adulta, cônica do mundo cão. Fala numa das entrevistas um trecho da fala de Dennis Hopper falando do “segundo ato da vida”. Fica a imagem no VT do Dennis Hopper.

CENA 25 **Clínica para Stress – Relato de Uma Enfermeira Chocada.**

Sindromí está deitada na cama de hospital com soro na veia, a cara muito marcada, com olheiras. A enfermeira está chocada com o relato da paciente. Sindromí resume a sua vida: 3 casamentos, 2 abortos, clínica de drogas, sucesso, fracasso. Contados assim de uma tacada, deixam a coitada da enfermeira muito impressionada: “É inacreditável, você é muito precoce mesmo!”. Sindromí acha graça da ingenuidade da ouvinte. Comenta dos seus 8 anos “há muito tempo atrás” com saudades. “– Naquela época... que saudades dos meus 10 anos”. Termina o seu relato concluindo que “quer reconstruir sua vida, começar do zero, passar uma borracha no passado”. A enfermeira, perturbada comenta: “- Reconstruir a vida aos 12?” Sindromí conclui: “- Antes tarde do que nunca, e 12 é uma linda idade para reconstruir uma vida”.

CENA 26 **Reconstruindo a Vida.**

Numa entrevista coletiva, Sindromí revela seus planos de reconstruir a vida. Mas o que vai fazer? “Talvez me aposentar de vez, pendurar as chuteiras. Aproveitar o resto da minha vida”. Depois passa a responder às perguntas dos repórteres com trechos de canções e frases famosas como: “Amar é nunca ter que pedir perdão”; “Se alguém perguntar por mim, diz que eu fui por aí com o meu violão debaixo

do braço”; “Eu vou. Por que não? Por que não? Por que não?”; “Sim, vou pra não voltar, e onde quer que eu vá, há de ser sozinho, tão sozinho, amor...”; “Se você pretende saber quem eu sou, eu posso te dizer. Entre no meu carro, e na estrada de Santos, você vai me conhecer. Você vai pensar que eu não gosto nem mesmo de mim, e que na minha idade, só a velocidade anda junto a mim...” termina com uma dessas músicas tocando e a imagem de uma estrada sem fim.

CENA 27 Entrevista: Digo e desdigo o que não disse – “Quem sou eu?”.

Feita a entrevista coletiva, Sindromí agora encara o público do teatro. (Seria espetacular que no teatro tivesse uma câmera de vídeo apontada para os espectadores e com a platéia com um pouco de luz, fosse gravada e projetada nos telões a imagem do público se vendo.) Um globo de luz projeta seus raios de luz no teatro inteiro.

Locução: “- Espaço. A última fronteira. Esse é o relato de viagem da nave estelar Síndrome, na sua missão de explorar estranhos e novos mundos. Conhecendo outras formas de vida e novas civilizações. Indo em direção do desconhecido, onde nenhum homem jamais esteve antes.”

Entra a música “Jornada nas Estrelas”. Sindromí começa a falar com o público: “- Diário de bordo, data estelar (diz o dia, mês e ano, olha o relógio diz a hora exata). A coisa mais divertida da minha infância, foi brincar de adulta. Mas eu acho que levei a brincadeira muito a sério. Deve haver alguma coisa divertida em ser normal, criança, como vocês. Deve ser divertido ser como vocês. Vocês parecem normais, são?” O discurso absurdo vai sem controle até começar uma música infantil orquestrada como: “Eu fui no Tororó, beber água não achei...”.

CENA 28 Música Final.

Poupurri de jingles de programas infantis. Sindromí vai tirando a máscara-plástica de criança e mostrando uma mulher surrada e marcada por uma vida atrapalhada. Uma “velha” começa a brincar de criança; desliza no escorrega, voa num balanço, dá cambalhotas até chegar ao ápice da alegria-infantil. Sindromí canta e dança num gran-finale esperançoso e de uma dramaticidade enigmática. Caem balões do teto do teatro. Festa.

CENA 29 **Epílogo – recorte: tragédia e Comédia.**

Salto no tempo: Entrevista de Sindromí (nos telões) muitos anos depois, contando com distância e humor como tudo foi absurdo. Como num final de telejornal, aparecem os créditos da peça, com os participantes (atores do VT) agradecendo junto com Andréa os aplausos do público. Toca a música “When you wish upon a star”, com tradução nas janelas laterais ao pé da letra.

ANEXO**ENTRADA DO PÚBLICO**

PALCO ESTÁ ÀS ESCURAS E O VT PROJETA A IMAGEM DO PÚBLICO ENTRANDO NO TEATRO COMO “OSCAR HOLLYWOOD”. OUVIMOS UMA TRILHA COM MÚSICAS DE SERIADOS INFANTIS E TRECHO DE MÚSICAS DE DISQUINHOS COMO: “A DONA BARATINHA”, “A BELA ADORMECIDA”, ETC.

1º. SINAL – NO TELÃO A IMAGEM DA PORTA DO CAMARIM DE SINDROMÍ, COM AQUELA ESTRELA NO CENTRO E ALGUNS ENFEITES INFANTIS. UMA MÃO BATE 3 VEZES À PORTA. VOZ OFF: “- FALTAM SÓ 15 MINUTOS!”

VOLTA A IMAGEM DO PÚBLICO ENTRANDO E A MÚSICA AMBIENTE.

2º. SINAL – A MESMA COISA: PORTA, MÃOS, AS TRÊS BATIDAS. VOZ OFF:

“- FALTAM APENAS 5 MINUTOS PARA COMEÇAR!”

VOLTAM MAIS UMA VEZ AS IMAGENS DO PÚBLICO E O SOM AMBIENTE.

3º. SINAL - A MESMA COISA, SÓ QUE DESTA VEZ SÃO VÁRIAS BATIDAS. VOZ OFF:

“- ESTÁ NA HORA, VAMOS COMEÇAR. VAMOS LÁ?! MERDA!!!”

CENA 1 PRÓLOGO: AMBIENTAÇÃO PARA O SHOW

AS LUZES DO PALCO ACENDEM A 50%. NOS TELÕES VEMOS PRIMEIRO SINDROMÍ DANDO OS ÚLTIMOS RETOQUES DENTRO DO CAMARIM, EM PÉ, DIANTE DO ESPELHO. ESTÁ SUPER AGITADA E PARECE ESQUECER ALGUMA COISA QUE NÃO ACHA. NO ESPELHO, FOTOS DOS PERSONAGENS COMO: PAULINHO, CLAUDINHO, YLAYÔ-Ê-Ê-Ê, A MÃE, ANALISTAS... A CÂMERA PERCORRE ESSAS FOTOS E LEMOS UM:” PARABÉNS, MERDA, TE AMO, BOA ESTRÉIA, ETC.” ESSAS PALAVRAS ESTÃO ESCRITAS SOBRE AS FOTOS. A CÂMERA CORRIGE PARA SINDROMÍ DANDO UM “ATÉ LOGUINHO” PARA SI MESMA NO REFLEXO DO ESPELHO E PARA AS FOTOS.

SINDROMÍ SAI E BATE A PORTA. O SOM AGORA É DE UM MISTO DE CRIANÇAS HISTÉRICAS AO FUNDO, APLAUSOS, SIRENES, INSTRUMENTOS MUSICAIS SENDO PREPARADOS – ACORDE, AFINAÇÃO, ZUNIDOS, MICROFONIA, ETC.

DEPOIS VEMOS UMA PLATÉIA DE CRIANÇAS ALUCINADAS (ARQUIVO DE SHOU DA XUXA OU ANGÉLICA). FINALMENTE, FORA DA CASA DE ESPETÁCULOS OU ESTÁDIO, UMA MULTIDÃO FORÇANDO A ENTRADA E SENDO ESPANCADA POR POLICIAIS. COMEÇA A CORREIRA DE SINDROMÍ INDO PARA O PALCO. TEM UMA CORRENTE DE SEGURANÇAS BRUTAMONTES DE MÃOS DADAS FAZENDO O ISOLAMENTO. UM PEQUENO FÃ TENTA TOCAR NA ESTRELA E É ESBOFETADO POR UM SEGURANÇA IMPIEDOSO. SINDROMÍ FINALMENTE CHEGA À COXIA E, ANTES DE ENTRAR, ACENA PARA ALGUÉM DA EQUIPE FAZENDO “O.K.”, FAZ O SINAL DA CRUZ, PEGA UM PREGO TORTO NO CHÃO E PÕE NO DECOTE DO VESTIDO, BEBE UM GOLE D’ÁGUA, GARGAREJA E COSPE, RESPIRA FUNDO E VAI PARA O “PALCO”.

CENA 2 SHOW – MÚSICA “EU SOU O FUTURO, O FUTURO É AGORA”.

NAS JANELAS VEMOS AGORA A BANDA DE SINDROMÍ VESTIDA A CARÁTER (MEIO PAQUITAS, MEIO MENUDOS). DÃO UM ACORDE DE ABERTURA, OUVIMOS UM PÚBLICO DE FÃS OVACIONANDO. NESSES APLAUSOS INICIAIS AS IMAGENS ORA SÃO DO CONJUNTO E ORA DA PLATÉIA DE CRIANÇAS. CORTES SECOS ATÉ SINDROMÍ DAR O SEU: “BOA NOITE”, DEPOIS DE MUITO AGRADECER.

SINDROMÍ (CONTA) 1, 2, 3, 4. (O CONJUNTO ATACA E ELA CANTA):

Eu sou o futuro

Meu futuro é agora

Quero meus direitos

Eu quero a verdade

Eu sou o futuro do mundo

Meu passado passou

Daqui pra frente, sou mais eu

Eu sou a criança desse mundo

ETC., ETC., ETC. TODA A LETRA ALÉM DE EXALTAR O FUTURO DANDO A IDÉIA DE QUE “DAQUI PRA FRENTE TUDO VAI SER DIFERENTE”, TAMBÉM É CANTADA NO SINGULAR. A MÚSICA É PARA DANÇAR E TEM QUE SER MUITO ANIMADA. É O “ABRE-ALAS” DO ESPETÁCULO.

CENA 3 PARABÉNS PRA VOCÊ – CHORO DESCONCERTANTE.

NO FINAL DA MÚSICA, APLAUSOS DA PLATÉIA. O CONJUNTO COMEÇA A TOCAR “PARABÉNS PRA VOCÊ” EM RITMO DE ROCK. ENTRA UM BOLO MONSTRUOSO NO PALCO COM DUAS VELINHAS QUE MOSTRAM O NÚMERO DOZE. AS LUZES VÃO BAIXANDO ATÉ O BOLO FICAR EM FRENTE A SINDROMÍ. AGORA SÓ VEMOS O ROSTO DE SINDROMÍ ILUMINADO PELO FOGO DAS VELAS. PASSA, LENTAMENTE, DE UM SORRISO TENSO QUE VAI SE DESMANCHANDO ATÉ CHEGAR A UM CHORO DESCONCERTANTE. NUM ÚLTIMO FÔLEGO, SINDROMÍ ASSOPRA AS VELINHAS DANDO UM BLACK-OUT.

PASSAGEM 1

CHORO DAS CRIANÇAS + CLIP DE CARACTERIZAÇÕES: DE BEBÊ À ÉPOCA ATUAL.

NOS VTS, VÁRIAS CRIANÇAS CHORANDO. AS IMAGENS SÃO ENGRAÇADAS. AS CRIANÇAS SÃO BEM BONITINHAS E BEM PEQUENINAS.

DEPOIS COMEÇA UMA ROLETA DE IMAGENS COM VÁRIAS IDADES E SITUAÇÕES DE SINDROMÍ. FORA AS FOTOS ESPECIALMENTE FEITAS PARA ESTA “ROLETA”, VEMOS TAMBÉM FOTOS DE SINDROMÍ EM CENAS COM PERSONAGENS DA SUA VIDA NOS CENÁRIOS ONDE GRAVAMOS A PEÇA. COMO SE FOSSE UM “STILL” DE FOTOS DAS CENAS QUE VEREMOS. UM PREVIEW DO QUE VIRÁ POR AÍ. A ÚLTIMA IMAGEM É ELA BEBÊ, DE FRALDAS, ENGATINHANDO. ACENDE O PALCO E SINDROMÍ ESTÁ NA MESMA POSIÇÃO DA FOTO DO VT.

CENA 4 ANÚNCIO DO SHAMPOO PLIM-PLIM – “MAMÃE DESCOBRINDO A MINA DE OURO”.

DEPOIS DA PASSAGEM 1 A IMAGEM DO CHORO DA ÚLTIMA CRIANÇA NO VT “FUNDE” COM SINDROMÍ NO MEIO DO PALCO COM 6 MESES E MEIO, DE FRALDAS, CHORANDO PRA VALER. A IMAGEM ATRÁS AGORA MOSTRA UM ESTÚDIO SEM CENÁRIOS, MAS CHEIO DE TÉCNICOS, CÂMERAS, SPOTS DE LUZ E EQUIPAMENTOS. NO MEIO DESSA PARAfernália ESTÃO: A MÃE DE SINDROMÍ E O DIRETOR DO COMERCIAL DISCUTINDO. PRIMEIRO VEMOS ELES FALANDO AO LONGE, SEM ESCUTAR SUAS VOZES, DEPOIS A IMAGEM AMPLIA (FECHA) NOS DOIS E O DIÁLOGO COMEÇA DO “MEIO”.

DIR. COMERCIAL – Não dá, minha senhora. É um anúncio de shampoo para bebês. A última coisa que essa menina pode fazer é chorar. Acho melhor desistir agora. Não vai dar certo.

MÃE - Calma, eu vou falar com ela. (A SINDROMÍ) Sin... Sinzinha!! Sinzinha, Olha pra mamãe. (SINDROMÍ NÃO ESTÁ NEM AÍ, E AINDA DÁ SOLUCINHOS DO CHORO).

MÃE - Pára de chorar meu bem. (FAZ CARETAS PARA ELA) Blu-blu, mamãe ta aqui, bi-bi-bu-bu, ba-ba. (SINDROMÍ OLHA A MÃE E VOLTA A CHORAR).

DIR. COMERCIAL - Não adianta mesmo. Vamos arrumar outra garotinha...

MÃE - Mas ela passou no teste.

DIR. COMERCIAL - Minha senhora, eu sinto muito, mas não adianta passar no teste de imagem se a sua filha não pára de chorar.

MÃE - Mas eu to contando com esse cachê.

DIR. COMERCIAL - Isso não é problema meu. A senhora fala isso com a produção.

NESSE EXATO MOMENTO, SINDROMÍ PÁRA DE CHORAR E COMEÇA A RIR E A BATER PALMINHAS. A MÃE PERCEBE E MOSTRA PRO DIRETOR.

MÃE - Olha lá. Ela ta rindo. (PARA SINDROMÍ) Isso meu benzinho, ri pra mamãe. (SINDROMÍ RI MAIS AINDA).

MÃE - (MOSTRANDO AO DIRETOR) Ta vendo, ela não é uma gracinha?

DIR. COMERCIAL - (NEM DISCUTE) Vamos rodar logo enquanto a bebê está rindo! (COMANDA A EQUIPE) Luz nela, roda VT, bate claquete! Vamos logo que eu ainda tenho dois comerciais pra grava hoje! Quero ver todo mundo se mexendo!

OUVIMOS O RUÍDO DA MONTAGEM E LUZES NO PALCO (MUITO FORTES) SÃO PROJETADAS EM SINDROMÍ. A MENINA FOGE DA LUZ EM DIREÇÃO AO PROCÊNIO.

DIR. COMERCIAL - Chama a bebê pra cá! (OUVIMOS VÁRIOS “VEM CÁ!”).

MÃE - Vem cá, querida. Vem Sin... Aqui... Chuchuchu.(SINDROMÍ PÁRA UMPOUCO E FALA A FALA INTERNACIONAL DOS BEBÊS: “GUGU-DADAS”, MUITO SIMPÁTICOS).

DIR. COMERCIAL - Hoje não é o meu dia... (À EQUIPE) Põe luz na garota.

A LUZ MAIS UMA VEZ ATINGE SINDROMÍ, IRRITANDO-A E FAZENDO ELA ENGATINHAR MAIS PRA FRENTE.

DIR. COMERCIAL - Vai atrás dela com a luz! Deixa rodando VT!

MÃE - (A SINDROMÍ) Vem pra cá, minha filha. Aqui com a mamãe.

SINDROMÍ COMEÇA A SER PERSEGUIDA PELA LUZ. ENGATINHA, PÁRA E FAZ GRACINHAS E VOLTA A FUGIR DA LUZ.

DIR. COMERCIAL - (À MÃE) É melhor a senhora não chamar ela. Eu sou o diretor. Vem aqui com o titio! Vem, neném, vem aqui. (SINDROMÍ FAZ CARA FEIA PARA O DIRETOR E VAI ENGATINHANDO).

MÃE - (VINGADA) O senhor pode dirigir muito bem, mas ela ainda é minha filha. (A SINDROMÍ) Vem com a mamãe. Dá aquele sorrisinho lindo. (SINDROMÍ SENTA E COMEÇA A FAZER GRACINHAS).

- MÃE** - (AO DIRETOR) Viu?
- DIR. COMERCIAL** - Ela está de costas para a câmera, assim não adianta.
- MÃE** - (IRRITADA COM SINDROMÍ) Olha já pra mamãe! A mamãe ta muito zangada! Olha pra cá ou eu te dou uma surra! Pra cá, já falei! Olha diaba! Ai, que inferno. Surda! (SINDROMÍ COMEÇA A FAZER EVOLUÇÕES ACROBÁTICAS DE BEBÊ, SUPER-ENGRAÇADINHA. OUVIMOS VOZES-OFF DA EQUIPE ELOGIANDO A “GRACINHA”).
- VOZES** - “Olha que gracinha!”; “Ta lindinha”; “É fofa”; “Vai ficar uma gracinha”.

SINDROMÍ CONTINUA “EVOLUINDO” NA DIREÇÃO DAS COXIAS, SAINDO DE CENA.

- DIR. COMERCIAL** - Pra vocês, valeu?
- VOZES** - Valeu!
- MÃE** - Graças a Deus. E agora?
- DIR. COMERCIAL** - Agora nós vamos fazer uma foto dela nua do lado da embalagem do shampoo.
- MÃE** - Nua?
- DIR. COMERCIAL** - É. Essa foto é que a gente vai veicular nas revistas.
- MÃE** - Minha filha nua em revistas?
- DIR. COMERCIAL** - Minha senhora, ela é um bebê, não estamos falando de fotos de mulher pelada! Estava escrito no seu contrato.
- MÃE** - Não estava não, meu senhor. Eu vou discutir isso com a produção, tá?
- DIR. COMERCIAL** - Não adianta a senhora tentar me ameaçar...
- MÃE** - Mas eu não estou ameaçando. Eu só quero os meus direitos. (FALANDO SOZINHA) Imagina, minha filha nua nas revistas. Vou querer o dobro do cachê, no mínimo!!!

A IMAGEM FICA NA CARA DO DIRETOR DO COMERCIAL ABESTALHADO. A MÃE SAI.

- DIR. COMERCIAL** - Mas ela é só um bebê!

CONGELA ESSA IMAGEM, DEPOIS COMEÇA UMA FUSÃO DA FOTO DE SINDROMÍ (MONTAGEM) NUA DE COSTAS ENGATINHANDO OLHANDO PARA A CÂMERA (ATRÁS) AO LADO DO FRASCO DO SHAMPOO PLIM-PLIM.

CENA 5 GRAVAÇÃO DO PROGRAMA “CRIANÇA-LAMBANÇA” – APRESENTADORA DE SUCESSO.

ESTAMOS NUM ESTÚDIO DE TV, O CENÁRIO DO PROGRAMA É UMA TENDINHA DE CIRCO TODA COLORIDA. SINDROMÍ ESTÁ SENDO MAQUIADA, OU SEJA: A MAQUIADORA VEM EM DIREÇÃO À CÂMERA, E QUANDO VAI EMPOAR O NARIZ DE SINDROMÍ, FECHA A LENTE COM A ESPONJA. DEPOIS A MESMA COISA ACONTECE COM O CABELEIREIRO: O PENTE VAI FICANDO GIGANTESCO ATÉ TAMPAR A TELA. A EQUIPE APARECE EM VOZ-OFF. SINDROMÍ ESTÁ MORTA DE SONO E BOCEJA O TEMPO TODO.

SINDROMÍ - Eu queria dormir um pouco. Acordei cedinho pra ir ao colégio. Posso ir pro camarim pra dormir um cochilinho?

VOZ - Agora não dá filhinha. A gente tem que aprontar esse programa pra amanhã. Estamos atrasados.

SINDROMÍ - (OLHANDO NO RELÓGIO) Pra hoje, né tio? Já é uma hora da manhã.

VOZ - Eu não disse que a gente estava atrasado? Mas já vai acabar...

SINDROMÍ - Já ia acabar às dez da noite. Eu to com fome. Com vontade de fazer xixi. Com sono.

VOZ - É o sucesso! Você sabia que o seu programa é visto por milhões de pessoas? Você é uma estrela. A gente vai gravar já já, e depois você vai pra casa, tá?

SINDROMÍ - (GRITANDO PARA A SUITE) Sucesso é fogo, né? Dá a maior fome! Por que não posso fazer xixi?

VOZ - Vamos rodar. Olha para a câmera 3 e fala sobre os bichinhos, ta?! Gravando!!!

SINDROMÍ - (ESPERTÍSSIMA E MEIGUINHA) “Hoje eu vou falar com vocês sobre...”

VOZ - CORTA! (PARA SINDROMÍ) É pra vocês. Você não decorou, princesa?

SINDROMÍ - Esqueci.

VOZ - Lê o texto, então. A gente espera.

SINDROMÍ - Eu sou analfabeta!

VOZ - O quê?!

- SINDROMÍ** - Eu ainda não sei ler. Só depois que a gente tem 5 anos é que ensinam a gente a ler e escrever.
- VOZ** - Esqueci, princesa. (PARA DENTRO) Alguém diz o texto pra ela, por favor.
- VOZ 2** - “Hoje eu vou falar pra vocês sobre os bichinhos que...”
- SINDROMÍ** - Pode deixar! Já lembrei do resto!
- VOZ** - Então, gravando!
- SINDROMÍ** - “Hoje eu vou falar com vocês..”
- VOZ 2** - “Pra vocês”
- SINDROMÍ** - (SACA QUE O VT ESTÁ RODANDO, SE COMPÕE E MANDA BRASA) “Hoje eu vou falar pra vocês sobre os bichinhos que moram na casa da gente. São os bichinhos de estimação! Nossos amiguinhos, né? Eles têm que estar sempre limpinhos! Cheirosinhos, bem alimentados. Os meus bichinhos estão sempre assim... senão, podem ficar doentinhos e amanhã é dia de vacinar os bichinhos da gente nos postos de vacinação. Então, se você tem um (FAZ A MÍMICA DE UM CÃOZINHO. FICA DE QUATRO) “Au, Au”; (ABANA O RABINHO. SOM DE CLAQUE RINDO) OU UM (FAZ UM GATINHO BEM DENGOSO) “Miau, Miau...”; (COMEÇA A SE LAMBER E A CLAQUE MAIS UMA VEZ CAI NA GARGALHADA) levem eles amanhã. Enquanto não vem “amanhã”, vamos ver o desenho animado, bem animados. (COMEÇA A SARACOTEAR) Bem animados! Animados! Animados!
- VOZ** - Corta. Foi perfeito, princesa. Cadê ela?

SINDROMÍ TERMINOU A FALA E DEITOU FULMINADA DE SONO. O DIRETOR PERCEBE.

- VOZ** - Acorda, princesa.
- SINDROMÍ** - Posso ir embora? Tô com fome. Quero fazer xixi. Deixa, tio?
- VOZ** - Vou fazer uns insertes de você fazendo os bichinhos no chão. Já pedi o seu lanche.
- SINDROMÍ** - Eu queria dois Sundaes.
- VOZ** - Dois Sundaes enormes, princesa.
- SINDROMÍ** - Pra que câmera?

- VOZ** - Faz pra um. Não, faz pra dois.
- SINDROMÍ** - A um ta mais perto.
- VOZ** - Então faz pra um.
- SINDROMI** - Tálegal. Vou fazer o cachorrinho e depois o gatinho...
- VOZ** - Prefiro que você inverta pra gente ter opção de mudar na edição. (SINDROMÍ OLHA PRA A “UM” E FAZ O GATINHO – UMA GRACINHA).
- VOZ** - Valeu o gatinho. (SINDROMÍ FAZ SEM DISCUTIR O CACHORRINHO – TAMBÉM UMA GRACINHA).
- SINDROMÍ** - Valeu? Posso ir agora?
- VOZ** - Princesa, só uma coisinha. Faz o “Bem animados” umas três vezes e pode deixar que eu vou com todas as câmeras atrás de você.

SINDROMÍ FAZ SINAL DE OK E COMEÇA A FAZER, ALUCINADAMENTE E BONITINHA, O “BEM ANIMADOS, ANIMADOS, ANIMADOS, ANIMADOS”. A CLAQUE BATE PALMAS, RI. O SOM FICA FEÉRICO E SINDROMÍ EMBARCA NUMA ALEGRIA SALTITANTE. VAI SAINDO DO PALCO SOB APLAUSOS, BIS, ETC. A CENA ESCURECE E NOS VTS VEMOS UMA PLATÉIA DE AUDITÓRIO, CHEIA DE CRIANÇAS PULANDO DE ALEGRIA. (ARQUIVO-XUXA)

CENA 6 SAÍDA DA ESCOLA COM AMIGUINHAS – “COLÉGIO É UM SACO”.

TOCA UMA CAMPAINHA DE SAÍDA DE COLÉGIO. VEMOS VÁRIAS CENAS DE CRIANÇAS CORRENDO EM ALTA VELOCIDADE, “LIVRES” DAS AULAS. DE UM PORTÃO DE FERRO (SION), SAEM MENINAS UNIFORMIZADAS, ATÉ NÃO HAVER MAIS NENHUMA. PASSAM 3 SEGUNDOS DE “NINGUÉM”, ATÉ SAÍREM 3 MENINAS E, ESCONDIDA ATRÁS DELAS, SINDROMÍ.

COLEGA 1 - Pode vir.

SINDROMÍ - (OFF/DA COXIA) Não tem ninguém mesmo?

COLEGA 2 - Não, pode “vim”.

COLEGA 3 - Vem logo, Sin. Daqui a pouco aparece fã... Vamos embora.

SINDROMI SAI FINALMENTE DA COXIA E COMEÇA A ANDAR AO LADO DAS GAROTAS.

COLEGA 1 - Vocês viram como é boba a Michelle?

COLEGA 2 - Uma convencida. Só porque tirou 9 e meio em ditado...

COLEGA 3 - Vamos dar um gelo nela?

AS TRÊS - Vamos.

COLEGA 2 - (A SINDROMÍ) Você não vai dar gelo nela, Sin?

SINDROMÍ - O quê?

COLEGA 3 - Dar um gelo na Michelle?

SINDROMÍ - Que Michelle?

COLEGA 1 - Aquela menina toda besta, que tirou 9 e meio em ditado.

SINDROMÍ - Tá.

COLEGA 2 - Onde vocês vão passar as férias?

COLEGA 1 - Eu vou pra Disney.

COLEGA 3 - Ai, que legal. Meu pai falou que só no ano que vem ele me levava.

COLEGA 2 - Deve ser lindo. E você, Sin, vai passar as férias aonde?

SINDROMÍ - Que férias?

COLEGA 1 - As férias agora, de julho.

TODAS ESTÃO VIRADAS DE FRENTE PARA O PÚBLICO AGORA. VÃO ATRAVESSAR A RUA NA FAIXA DO SINAL. PARAM E SINDROMÍ CONTINUA 2 PASSOS.

COLEGA 2 - Cuidado com os carros.

COLEGA 3 - Sin, volta.

PASSA UM CARRO ENTRE ELA E AS MENINAS. SINDROMÍ SE TOCA E VOLTA.

COLEGA 1 - Você tá tão distraída, Sinzinha. Vai acabar atropelada.

SINDROMÍ - É.

COLEGA 2 - Sinzinha, onde você vai passar as férias?

SINDROMÍ - Mas eu não tenho férias.

COLEGA 3 - Nem uma semaninha?

SINDROMÍ - Acho que não...

COLEGA 1 - Coitada, vai trabalhar?

SINDROMÍ - Hum, hum...

COLEGA 2 - Você não pára de trabalhar?

SINDROMÍ - Não.

COLEGA 3 - Nossa, Sinzinha, você nem ouve mais a gente.

COLEGA 2 - É, parece que tá no mundo da lua.

COLEGA 1 - Tá muito cansada, Sinzinha?

SINDROMÍ - (SE ABRINDO) Tô down.

AS TRÊS - O quê?

SINDROMÍ - To caída. To gravando o dia todo e ainda tenho que “vim” aqui... tenho que acordar com tudo decorado e “vim” pra essa escola. DISGUSTING!

COLEGA 1 - Brigada. É isso que você acha da gente?

COLEGA 2 - Poxa, Sinzinha. Achei que você gostava da gente.

SINDROMÍ - Gostar eu gosto. Mas a gente podia se ver em outro lugar. Eu não agüento “vim” na escola. É tanta gente imatura junta...

COLEGA 3 - Mas a gente tem que ‘vim’ na escola.

COLEGA 1 - Todo mundo tem que estudar.

SINDROMÍ - Por quê?

COLEGA 3 - Pra quando a gente crescer poder fazer o que a gente quiser.

COLEGA 2 - Aprender uma coisa... Pra ser alguma coisa...

SINDROMÍ - É, mas eu já sei o que eu vou ser. Nem preciso crescer... Ah, gente, desculpa, mas eu perdi o SENSE OF HUMOR com esse negócio de estudar. Agora que eu já sei ler, não preciso disso (MOSTRA O UNIFORME) pra nada. Preciso ter mais KNOW HOW, mas só trabalhando eu vou ter isso. Estudar me tira tempo e me deixa DOWN assim.

COLEGA 1 - Assim como? Eu não entendo nada o que você fala, Sinzinha.

COLEGA 2 - O que é SENSE OF HUMOR?

COLEGA 3 - E KNOW HOW?

COLEGA 1 - Você sabe falar em inglês?

SINDROMÍ - Preciso mesmo fazer um FOLLOW-UP no meu contrato e tirar essa cláusula que me obriga a estudar... CHECK LIST nesse contrato.

COLEGA 2 - Sinzinha, não dá pra entender nada. Quem vai te tirar da escola?

SINDROMÍ - Minha MANAGER.

COLEGA 3 - E a sua mãe?

SINDROMÍ - Minha mãe é minha MANAGER.

COLEGA 1 - Não entendi.

SINDROMÍ - Tô falando de SHOW-BISS.

COLEGA 1 - Cê tá falando é em inglês.

SINDROMÍ - Mesmo se eu traduzisse vocês não iam entender.

AS TRÊS - Por quê?

SINDROMÍ - Falta BACKGROUND...

COLEGA 2 - BACKGROUND?

SINDROMÍ - FEELING...

COLEGA 3 - FEELING?

SINDROMÍ - FEEDBACK...

COLEGA 1 - BACKGROUND, FEELING, FEEDBACK? Sinzinha, o que é isso?

SINDROMÍ - Um dia vocês vão me entender.

COLEGA 1 - Será? Eu, hein...

COLEGA 2 - Acho que não.

COLEGA 3 - Nunca!

SINDROMÍ - SHIT! É muito difícil ter um papo com vocês.

COLEGA 1 - Nessa língua é impossível.

COLEGA 2 - Vamos embora, gente.

COLEGA 3 - É, ela tá maluca. Não sabe nem falar português direito e fica se gabando em inglês.

Nem deve ser inglês, viu?!

AS TRÊS - É, isso não é nada.

É a “língua do pê” da televisão (MORRE DE RIR)

Vê se cresce garota

Vâmo deixar ela ir sozinha.

“Vambora”.

“Vambora”, ela é lelé da cuca.

VÃO EMBORA. ELAS DEIXAM SINDROMÍ NO MEIO DE UM TREMEMDO TRÂNSITO.

SINDROMÍ - Vocês são muito criança!!! Um saco! Essa escola é uma bobagem! Eu não quero mais estudar!

FAZ TEIMOISA DE CRIANÇA BATENDO COM OS PÉS NO CHÃO.

SINDROMÍ - Droga! Droga! Droga! Feias, burras, chatas!

**CENA 7 DESCOBRINDO O AMOR COM UM HOMEM BEM MAIS VELHO –
PAULINHO, AMOR À PRIMEIRA VISTA.**

A CÂMERA ACOMPANHA EM PLANO AMERICANO PAULINHO, LÍDER DOS “DEDO-MINDINHO”. ESTAMOS NOS ESTÚDIOS DA TV ONDE SINDROMÍ FAZ SEU PROGRAMA, MAS NÃO DÁ PRA PERCEBER DIREITO PORQUE O PLANO ESTÁ FECHADO. PAULINHO ESTÁ TERMINANDO A CANÇÃO. A ÚLTIMA ESTROFE ELE FALA PARA A CÂMERA (PÚBLICO). E, SEGUIDA OUVIMOS UMA CLAQUE DE APLAUSOS. PAULINHO, DEPOIS DE CANTAR, RECLAMA MUITO.

PAULINHO - “Grande, pequeno,

Ontem ou amanhã,

Mesmo quando eu crescer

Vou ter meu dedo mindinho,

Meu dedo é mindinho, mindinho, mindinho, dedo-mindinho”.

Corta! Tá horrível! Assim não dá, não me dão retorno. O play-back já tava baixo e vocês ainda me tiram o retorno. Eu vou me maquiar de novo e agente faz mais uma. A boa!

A CÂMERA ABRE E VEMOS O PESSOAL DA TV (EQUIPE), AS LUZES DO PALCO TAMBÉM ACENDEM E VEMOS SINDROMÍ EMBEVECIDA COM A DESENVOLTURA DO GALÃ. ELA VAI ATÉ ELE.

SINDROMÍ - Vocês tavam bárbaros! Eu adorei! Você que é o líder?

PAULINHO - (FALSO-MODESTO) É, mais ou menos. A gente trabalha em equipe. Mas eu tenho um espírito de liderança nato. Às vezes é difícil de controlar...

SINDROMÍ - (TENTANDO IMPRESSIONAR) É, eu também lidero o meu programa...

PAULINHO - Então você é a famosa Sindromí...

SINDROMÍ - todo mundo me chama de Sinzinha. Qual é o seu nome?

PAULINHO - Paulo. Paulinho. Todo mundo me chama de Paulinho. É o meu nome de verdade.

SINDROMÍ - Os outros garotos não usam o nome de verdade?

PAULINHO - Não. Usam nomes de mentira, artísticos. Mas eu acho uma grande besteira.

SINDROMÍ - Eu também.

SILÊNCIO. OLHAM-SE TERNAMENTE (UMA MÚSICA DE AMOR COMEÇA A TOCAR BAIXINHO)

PAULINHO - (PROCURANDO ASSUNTO) Quantos anos você tem?

SINDROMÍ - (PEGA DE SURPRESA) Bem... Ah... Quantos anos você acha que eu tenho?

PAULINHO - Difícil. Você engana muito. Dá uma voltinha. (SINDROMÍ FAZ A VONTADE DO MENINO, QUE A OBSERVA COM GULA).

SINDROMÍ - Então?

PAULINHO - Você é uma gatinha.

SINDROMÍ - (SEM GRAÇA) Brigada. Você também é muito bonitinho. (RI)

PAULINHO - 5 anos?

SINDROMÍ - Mais.

PAULINHO - Oito.

SINDROMÍ - Menos.

PAULINHO - Sete.

SINDROMÍ - Um pouquinho menos.

PAULINHO - Então só pode ser seis.

SINDROMÍ - Seis e meio.

PAULINHO - Parece mais.

SINDROMÍ - (ENCANTADA) Você acha mesmo?

PAULINHO - Parece. Mas, menina fica madura mais rápido.

SINDROMÍ - Mas você também tem uma cara super-madura. Parece que já tem uns treze anos.

PAULINHO - Que nada.

SINDROMÍ - Tem menos?

PAULINHO - Tenho.

SINDROMÍ - Não tô te chamando de velho. Mas que você tem cara de mais desenvolvido, amadurecido, seguro, isso tem.

PAULINHO - Que nada.

SINDROMÍ - Mas quantos anos você tem?

PAULINHO - Quase o dobro da sua idade.

SINDROMÍ - Doze.

PAULINHO - Menos.

SINDROMÍ - Dez.

PAULINHO - Hum, hum.

SINDROMÍ - É, mas parece mais.

PAULINHO - (SUPER GOSTOSO) Mas tô com o corpinho de 8, não acha?

SINDROMÍ - (DESCONVERSANDO. TOSSE) Mas... Há quanto tempo você tá na banda?

PAULINHO - “OS MINDINHOS”? Uns 2 anos. Mas tô querendo fazer carreira solo. Preciso de mais espaço. Esse grupo me limita muito. Eu sinto que tenho mais potencial que isso. Minha cabeça tá indo prum lado e a do grupo pra um outro. Muita coisa está mudando em mim. Tô querendo ter as minhas coisas. Minha casa...

SINDROMÍ - Você vai morar fora de casa?

PAULINHO - Não, eu vou morar dentro da minha casa. (RI) Desculpe, brincadeira. Mas eu tô querendo sair da casa dos meus pais. Eles são até legais, mas eu tenho que ter o meu espaço. Você não sente falta de um espaço teu, onde você possa ter as suas coisas? Seus amigos? (TEMPO) Seus amores?

SINDROMÍ - Sim. Quer dizer, sei lá. Nunca tinha pensado nisso antes.

PAULINHO - Desculpe. Não queria por caraminhola na sua cabecinha.

SINDROMÍ - Que nada. Você tem razão. Tem uma hora que a gente precisa de espaço pro nosso EU.

PAULINHO - Eu acho o seu EU muito legal. Acho só que você tem que se conhecer melhor... Aí você vai desabrochar.

SINDROMÍ - Sabe? Nenhum outro HOMEM tinha falado comigo assim antes. Foi muito legal conversar com você...

PAULINHO - A gente pode conversar mais. Sei lá, sair... Tomar um sundae.

SINDROMÍ - Sundae? Você também gosta de sundae? Eu sou louca por sundaes, Paulinho.

PAULINHO - É?!

SINDROMÍ FAZ QUE SIM COM A CABEÇA, ALEGRE.

PAULINHO - Você é a primeira garota que gosta de sundaes como eu. Acho que a gente deve ter uma porção de coisas em comum. Senta aqui no palco comigo. (SINDROMÍ PUXA UMA CADEIRA OU MÓDULO E SENTA DO LADO DE PAULINHO, QUE ESTÁ DE PERNAS CRUZADAS. SINDROMÍ BALANÇA AS PERNINHAS NERVOSAMENTE). Você acredita em destino?

SINDROMÍ - Sei lá... Acho que sim... por quê?

PAULINHO - Acho que o destino está brincando com a gente.

SINDROMÍ - Brincando de quê?

PAULINHO - Não sei como falar isso. Tem uma coisa que eu preciso te dizer pra não ficar dentro de mim. Mas eu não sei por onde começar... Nossa, tô suando.

SINDROMÍ - Fala, Paulinho. Eu vou fechar os olhos, tá? Aí você diz.

PAULINHO - Sinzinha, (TEMPÃO) você quer namorar comigo?

SINDROMÍ - Quero.

PAULINHO - Então, tá. (NERVOSO, CRUZA OS BRAÇOS E FICA ESTÁTICO).

DEPOIS DE UM IMÓVEL E TRÊMULO E A OUTRA DE OLHOS FECHADOS, COM MUITA FORÇA, TAMBÉM PETRIFICADA, AOS POUCOS, OS DOIS VÃO SE APROXIMANDO PARA UM DESAJEITADO BEIJO DE AMOR. A MÚSICA INVADE A CENA. VAI PINTANDO UM FADE NOS DOIS.

AGORA LEMOS EM CADA LADO E UM DE CADA VEZ, OS VERSOS DE AMOR DE UM PARA O OUTRO. 1º. O DE PAULINHO. CALIGRAFIA INFANTIL.

“Eu fui o maior onanista do meu tempo
todas as garotas deitaram na minha cama
Principalmente, cozinheira e as peladas da Playboy
Hoje eu cresci, as garotas fugiram
Mas você chegou, trazendo todas no seu corpinho.

Eu não quero mais a Vera Fischer, Isadora Ribeiro,
Cláudia Raia, Cláudia Ohana, Cláudia Gimenez
Eu quero você.

Toma conta do céu, toma conta da terra, toma conta do mar
Toma conta de mim.
E, se ele vier, defenderei
E, se ele vier, defenderei
E, se ele vier, defenderei
E, se elas todas vierem, cheias de cupidos pra me espetar

Eu defenderei, defenderei, defenderei...

(PAULINHO (E OSWALD DE ANDRADE))

“Eu sou pequeninha, do tamanho de um botão
mas com Paulinho, meu “dedo mínimo”
minha mão fica pronta pra atravessar um portão.
Portão da escola. Portão de casa. Portão do meu coração.
Paulinho, não me deixa mais não.
Te amo, te amo, te amo de paixão.
No seu dedo-mindinho cabe toda a minha mão”.

LIDO E MUSICADO, OU FEITO UMA MÚSICA, OU SÓ ESCRITO.

CENA 8 MAMÃE EU VOU SAIR DE CASA PRA CASAR COM O PAULINHO + PAPO FRANCO

NAS JANELAS LATERAIS AINDA ESTÃO OS BILHETES DE AMOR. SINDROMÍ VOLTA À CENA COM OUTRA ROUPA. SOMEM OS BILHETES E AGORA TEMOS O CENÁRIO DA CASA DA MÃE. MAMÃE ESTÁ NUMA POLTRONA, MEIO ENVIESADA, DE COSTAS, FUMANDO MUITO E FAZENDO CONTAS NUMA MÁQUINA DE CALCULAR GRANDE, COM O ROLINHO DE PAPEL DANDO VOLTAS NO CHÃO. SINDROMÍ VEM MEIO “TATEANDO” O AMBIENTE. VAI PRA FRENTE DA MÃE, QUE NÃO PERCEBEU O MOVIMENTO.

SINDROMÍ - (DE SUPETÃO) Mãe, eu preciso falar uma coisa com a senhora!

MÃE - (AUTOMÁTICA) Outra hora, meu benzinho. Mamãe está fazendo umas coisas muito importantes.

SINDROMÍ - Tem que ser agora, mãe.

MÃE - Mais tarde, Sinzinha...

SINDROMÍ - (TOMA FÔLEGO E VAI NA CORAGEM) Mãe, eu não sou mais virgem!

MÃE - (AINDA SEM SE DAR CONTA) É sim, meu benzinho. Agora deixa a mamãe trabalhar...

SINDROMÍ - Mãe, não sou não. Eu perdi a virgindade.

MÃE -Depois a mamãe te ajuda a procurar. (SE TOCA) Não entendi direito.

SINDROMÍ - Eu não tenho mais o Hímem.

MÃE - Hímem?

SINDROMÍ - É, o Hímem. Eu não sou mais virgem.

MÃE VIRA A POLTRONA E SE PREPARA PARA FALAR SERIAMENTE COM SINDROMÍ. PEGA UM CIGARRO, LARGA SUAS CONTAS E ARMA O CLIMA.

MÃE - É. Acho que chegou a hora de nós termos uma conversinha muito franca, de mãe e filha. (TEMPO) Quando foi que isso aconteceu?

SINDROMÍ - Trás-anteontem.

MÃE - Que idade tem esse menino?

SINDROMÍ - 10 anos. Tem outra coisa: eu já menstruei uma vez.

MÃE - Você é muito avançada, minha filha. Mas porque você não contou isso antes pra mamãe

SINDROMÍ - Que eu não era mais virgem ou que eu já tinha menstruado?

- MÃE** - (TENTANDO ACERTAR) É, a (TEMPO) menstruação. Você sabe o que é isso? (CONFUSA)
Pra que serve?
- SINDROMÍ** - Claro, mãe. A senhora não vai me perguntar se eu sei como nascem os bebês, vai?
- MÃE** - (TATEANDO) Você sabe?
- SINDROMÍ** - Acho que sei: o menino mete o piru na xoxota da menina, sai um líquido dele, e se a gente estiver no período fértil, engravida...
- MÃE** - E esse menino já tinha esperma?
- SINDROMÍ** - O que é isso?
- MÃE** - (BEM EXPLICADINHA) O líquido. Esse tal líquido se chama esperma. É onde estão os espermatozóides, que em contato com um ovinho que tem dentro das meninas, germina, e vira um bebê. Mas esse garoto ainda não deve ter esperma. (TEMPO) 10 anos...
- SINDROMÍ** - Tem sim.
- MÃE** - Mas a geração de vocês é tudo tão cedo. Tudo nesse mundo evoluiu muito mais rápido... (VOLTA) Sinzinha, e agora?
- SINDROMÍ** - Se eu tiver germinado?
- MÃE** - Se você estiver grávida, minha filha!
- SINDROMÍ** - Eu não tô a fim de ser mãe não, mãe. (TEMPO. MUDA O CLIMA) Mas, mãe, tem tanta coisa que eu quero perguntar...
- MÃE** - (PREPARANDO-SE) Claro, meu amor. Pergunta tudo o que você quiser, qualquer coisa.
- SINDROMÍ** - (TIRA UMA LISTA ENORME DO BOLSO E LÊ) O que é porra? Tensão menstrual? Orgasmos? Como coloca em modess e o O.B.? Eja...culação precoce? Diafragma? Preservativo? Masturbação?...
- MÃE** - Pára. Não dá pra responder a essas coisas assim tão rápido.
- SINDROMÍ** - (VOLTA A LISTA) Porra?
- MÃE** - Isso é o esperma.
- SINDROMÍ** - Então porque não dizem: “Vão pra o esperma!” ao invés de: “Vão pra porra?”
- MÃE** - Porque (BAIXINHO) Porra é palavrão.
- SINDROMÍ** - Mas porra não é esperma?
- MÃE** - (DESAJEITADA) Mais ou menos. Sin... Não sei responder assim. Pula pra outra.
- SINDROMÍ** - Tensão pré-menstrual?
- MÃE** - (PÕE A MÃO NO PRÓPRIO COLO) Pula essa também. Amanhã eu prometo que respondo.

SINDROMÍ - Orgasmo?

MÃE - (TENTANDO ACHAR AS PALAVRAS) Bom, é aquela coisa... É aquela coisa que a gente sente... No fim... Ou no meio do ato sexual – sabe o que é o ato?

SINDROMÍ - A foda?

MÃE - É. (TEMPO. VOLTA A SUSSURRAR) Quando a tem um clímax...

SINDROMÍ - Quando goza?

MÃE - (SECA) É.

SINDROMÍ - Ah, tá. Vou pular essa...

MÃE - Você sabe o que é gozar?

SINDROMÍ - Sei. É uma delícia. Peraí, deixa eu ver (PROCURA NA LISTA)... Masturbação?

MÃE - Ah, meu Deus! É quando a gente se excita com a outra coisa sem ser com um menino. (TEMPO) com as... mãos.

SINDROMÍ - Siririca?

MÃE - (TAXATIVA) É. É isso aí. Você se masturba minha filha?

SINDROMÍ - Adoro. Adoro uma siririca.

MÃE - Então vamos pular essa também, tá? Ta respondida?

SINDROMÍ - Essa foi moleza. Deixa eu ver... (PROCURA NA LISTA) Ejaculação precoce?

MÃE - É quando o menino tem o orgasmo muito cedo.

SINDROMÍ - Goza e brocha logo?

MÃE - Sim.

SINDROMÍ - É horrível, né mãe?

MÃE - É. (LEMBRANDO) É horrível mesmo.

SINDROMÍ - Um saco.

MÃE - (TOMANDO PARTIDO) É um saco mesmo. São uns descuidados, egoístas, mas continua, meu bem.

SINDROMÍ - Punheta.

MÃE - (RELAXA E SIMPLIFICA) É a siririca do homem.

SINDROMÍ - Ok. Deixa eu ver (PENSANDO E LENDO ALTO A LISTINHA) Corrimento? Diafragma? Clítoris?...

MÃE - Por hoje chega, filhinha. É muita informação pra essa cabecinha.

SINDROMÍ - (APROVEITA O CLIMA FRANCO) Ah, eu vou casa com o Paulinho, dos “Dedo-Mindinhos”, daqui a duas semanas.

MÃE - Mas ele não serve pra você. (TEMPO) Foi ele quem tirou a sua virgindade?

SINDROMÍ - Foi.

MÃE - E foi bom?

SINDROMÍ - A 1ª vez foi mais ou menos.

MÃE - Viu? Ele não vai ser um bom marido.

SINDROMÍ - Mas eu gozei depois

MÃE - Isso não basta. Além do mais ele não é um bom partido.

SINDROMÍ - Ele é o líder dos “Dedo-Mindinhos”!

MÃE - Por enquanto. Você merece mais minha filha. Você é uma estrela. O conjunto do Paulinho daqui a um ano não vai dar mais pro gasto. Pensa bem, Sinzinha, pensa no seu futuro.

SINDROMÍ - O Paulinho saca uma porção de coisas, ele é maduro, mãe...

MÃE - Sei. Isso ta me cheirando a paixão e paixão é uma coisa muito perigosa, minha filha. (ACERTANDO O ALVO) Foi amor a primeira vista?

SINDROMÍ - (TENDO QUE ADMITIR) Foi.

MÃE - Ta vendo? Depois você se decepçiona...

SINDROMÍ - Mãe, eu tenho que arriscar, a vida é uma só. Não posso deixar passar essa chance. Quero viver essa grande paixão, arriscar experimentar.

MÃE - E onde vocês vão morar? Você vai me deixar? (SE TOCA DO PERIGO) E os nossos negócios? Hein? Hein?

SINDROMÍ - A gente pensou em morar na Barra, construir uma casa com a cara da gente.

MÃE - E o dinheiro de quem?

SINDROMÍ - O meu.

MÃE - Mas a casa fica no seu nome!

SINDROMÍ - Sei lá...

MÃE - E a nossa sociedade? Hein, Sin?

SINDROMÍ - Fica igual. O Paulinho é muito desligado com esse negócio de dinheiro.

MÃE - Ele não vai querer controlar os negócios?

SINDROMÍ - Não. Eu falei com ele que a senhora continua a tomar conta de tudo. Ele achou o maior barato, e eu também acho.

MÃE - Graças a Deus! Mas vocês querem se casar no civil e no religioso?

SINDROMÍ - O Paulinho queria uma coisa simples. Mas eu quero tudo o que eu tenho direito, uma festa bem bonita.

MÃE - Linda. Tem que ser uma festa à altura da minha filhinha, com tudo (DE ESTALO, PIRA) Candelária, recepção, baile, convidados de todo o Brasil, e até do estrangeiro! Orquestra.

A MÃE CONTINUA A FALAR. O PALCO VAI SE APAGANDO. PASSA UM CLIP DE FESTAS DE CASAMENTOS FAMOSOS: CHARLES E DIANA, CAROLINE DE MÔNACO, A FILHA DE IBRAHIM SUEDE, CLAUDIA RAIA E OUTROS DO GÊNERO. OUVIMOS AINDA A VOZ-OFF DA MÃE SOBRE ESSAS IMAGENS.

MÃE - (OFF) Minha princezinha, Vai ser a festa mais linda do mundo! Um conto de fadas, e com fadas, claro! Palhaços, malabaristas, bichinhos enfeitando um bolo gigantesco. Balões, muita comida, doces, milhões de brigadeiros. Vamos servir Milk-Shakes, Sundaes, Cachorro-quente. Vou convidar o Mickey para ser o padrinho! Vamos fazer um vestidinho com tantos babados, que não vai dar pra contar... Você vai vir num mini-buggy, escoltada por meninos vestidos de soldadinhos de chumbo. O Paulinho vai vir num cavalo branco. Vocês podem passar a lua-de-mel no sítio do pica-pau-amarelo. Aproveita e grava um episódio... Aliás, vamos fazer um filme do seu casamento pra lançar no Natal. Podemos até fazer um making-off também, os convidados tem que vir fantasiados. Imagina só? Vai ser uma espécie de “Casamento à fantasia”. Um carnaval sagrado! Podia acabar num grande samba!!! (COMEÇA A TOCAR UMA BATERIA DE ESCOLA DE SAMBA ALUCINADA).

PASSAGEM 2 A COMPRA DAS REVISTAS – LEILÃO – CIÚMES DE PAULINHO

IMAGEM DA MONTAGEM DO ANÚNCIO DO SHAMPOO PLIM-PLIM. CORPO DE UM BEBÊ ENGATINHANDO E ROSTO DA ATRIZ NUMA PÁGINA DE REVISTA. A IMAGEM VEM GIRANDO ATÉ FICAR ENORME NA TELA. A FOTO SE MEXE IMPERCEPTIVELMENTE MOSTRANDO UM SORRISO MEIO SAFADO DE SINDROMÍ. PRIMEIRO OUVIMOS EM OFF A BRIGA DE SINDROMÍ COM PAULINHO; DEPOIS SINDROMÍ COMPRANDO TODOS OS EXEMPLARES COMO SE FOSSE UM LEILÃO.

PAULINHO - (OFF) Não dá Sinzinha. Eu não posso admitir que existam milhares de fotografias suas circulando por aí, pelada!

SINDROMÍ - Mas eu era um bebê!

PAULINHO - Mas todo mundo sabe que é você! E, bebê ou não bebê, você tá pelada! Sinzinha, imagina quantos meninos devem estar se masturbando pensando em você com a revista no banheiro?

SINDROMÍ - Paulinho, não agüento seu ciúme!

PAULINHO - Quando a gente casou você já sabia que eu era assim.

SINDROMÍ - Tá legal, Paulinho. Chega de briga! Eu vou comprar os direitos do anúncio, e nunca mais vão poder publicar essa maldita foto.

PAULINHO - Eu quero que você compre os exemplares das bancas também.

SINDROMÍ - Mas Paulinho, isso vai ser uma fortuna.

PAULINHO - Ou isso, ou eu.

CORTE SECO, MONTES DE REVISTAS EM LEILÃO. MARTELADAS, ETC.

SINDROMÍ - Eu dou 20 mil dólares por esse lote de revistas, 30 mil por aquele ali. 13 mil exemplares de Porto Alegre, 2 mil por 20 revistas em Piracicaba. Arremato 5 revistas do colecionador de São João del Rei por 750 dólares cada uma. Fecho em 50 mil dólares por quem me trazer 2000 revistas com esse anúncio que estiverem circulando em sala de espera de dentista da Grande São Paulo. É pegar ou largar, 18 mil dólares das revistas que estão em sebos do centro do Rio...

CENA 9 ANÁLISE FREUDIANA – SEPARAÇÃO DE PAULINHO + “MAMÃE É MÁ”

CONSULTÓRIO DE ANA FRIDA. PRIMEIRO VEMOS EM CLOSE-UP A FAMOSA FOTOGRAFIA DE FREUD COM O CHARUTO NA BOCA. A CÂMERA CORRIGE E VEMOS ANA AGITADÍSSIMA FUMANDO À BEÇA E ANDANDO DE UM LADO PARA O OUTRO. PARECE UM ANIMAL NA JAULA, OLHA O RELÓGIO, APAGA O CIGARRO, TIRA UMA BALA DA BOLSA; FINALMENTE OUVIMOS A CAMPAINHA TOCAR. DRA. FRIDA GUARDA A BALA, SE AJEITA E FAZ UMA ESPÉCIE DE SINAL DA CRUZ PARA A FOTO DE FREUD. AO ABRIR A PORTA, SUA POSTURA MUDA COMPLETAMENTE: ESTÁ SERENA E SEGURÍSSIMA DE SI.

ANA FRIDA - Vamos entrar? (SINDROMÍ ENTRA E OBSERVA TUDO. DÁ UMA GERAL NO AMBIENTE). Qual é o seu nome?

SINDROMÍ - Até parece que você não me conhece.

ANA FRIDA - Eu não te conheço mesmo.

SINDROMÍ - Acho que nem eu me conheço. Meu nome é Sindromí.

ANA FRIDA - Como é?

SINDROMÍ - Todo mundo me conhece por Sinzinha.

ANA FRIDA - Sei. Você não quer fazer um desenho? Ou brincar com essas bonecas (MOSTRA A FAMÍLIA) Papai, mamãe e filhinha. Ah, tem os irmãozinhos também... (OS BONECOS E OBJETOS ESTÃO NO PALCO)

SINDROMÍ - Você vai me tratar como uma criança?

ANA FRIDA - Você não é uma criança?

SINDROMÍ - Não.

ANA FRIDA - Você está tentando me dizer que não consegue ser uma criança, ou que não quer ser criança?

SINDROMÍ - Você é quem tá tentando que eu fale essa besteira. Não se projeta em mim! Eu trabalho a muito mais tempo que você, sou casada, e vim aqui porque o meu marido tá me deixando louca e eu tô precisando de ajuda pra entender porque eu sinto essa angústia toda que eu tô sentindo. Mas se você quiser ficar me enrolando com esse papo boboca, eu vou aplicar meu dinheiro em outro tratamento. Então? Você topa me tratar como eu sou ou eu vou ter que representar o papel de criança que você acha que eu devo ser?

ANA FRIDA - Não. Eu não pretendo que você represente nenhum papel pra mim.

SINDROMÍ - Posso ser eu mesma?

ANA FRIDA – Claro. O que você quer me contar?

SINDROMÍ - Dá um tempo. (SILÊNCIO ANALÍTICO) Eu não quero ter filhos... Às vezes eu acho que eu deveria querer, que é uma coisa egoísta. Mas também não sei se quero... O Paulinho não é o pai que imaginava para os meus filhos... Depois, eu ponho a minha carreira em primeiro lugar... Me sinto culpada de não ter confiança no Paulinho... Me sinto culpada por ser egoísta e pensar na minha carreira mais que no meu filho. (SILÊNCIO).

ANA FRIDA - Mas você é muito (PENSA ANTES DE FALAR “CRIANÇA”) jovem para poder ter filhos.

SINDROMÍ - Dona Ana Frida, eu tô grávida.

ANA FRIDA - Quantos anos você tem?

SINDROMÍ - Sete anos e três meses.

ANA FRIDA - (ABALADA, OLHA O RELÓGIO). Acho que está na hora.

SINDROMÍ - De ter um filho?

ANA FRIDA - Não. Já está na sua hora.

SINDROMÍ - De quê? Não tô entendendo.

ANA FRIDA - Está na hora de ir. Terminou o tempo da sessão.

SINDROMÍ - Eu pago outra.

ANA FRIDA - Sinto muito, mas não é assim. Por hoje terminou, Sindromí.

SINDROMÍ – Me chama de Sinzinha. Mas, pôxa, quando a gente consegue entrar num papo legal, termina. Era legal que você me avisasse antes, mas tudo bem. Quantas vezes por semana eu venho aqui?

ANA FRIDA – Acho que você devia vir todo dia. (SÉRIA) Você não acha?

SINDROMÍ – Legal. Vou ter que organizar a minha agenda, mas vai ser legal pacas. A senhora vai faturar uma grana comigo, hein? (SINDROMÍ FICA SENTADA E A PASSAGEM DO TEMPO ACONTECE ASSIM):

ANA FRIDA APARECE, VINDA DE UM CORREDOR. CHAMA A GAROTINHA.

1ª ENTRADA : SINDROMÍ ESTÁ SENTADA, ESPERANDO. A LUZ É DE FIM DE TARDE.

ANA FRIDA – Vamos entrar? (SINDROMÍ A ACOMPANHA ATÉ SUMIR PELA COXIA).

2ª ENTRADA : SINDROMÍ VEM CORRENDO ATRASADA. ANA FRIDA, “FRIA”, APARECE NO CORREDOR. A LUZ É DE DIA – CEDO.

ANA FRIDA – Vamos entrar? (SINDROMÍ A ACOMPANHA ESTABANADA. SOME PELA COXIA).

3ª ENTRADA : SINDROMÍ PASSA UM BATON E É PEGA NO PULO POR ANA, QUE A FAZ ENTRAR. SINDROMÍ ESTÁ MEIO ENCABULADA. É NOITE.

ANA FRIDA – Vamos entrar?

4ª ENTRADA : SINDROMÍ ESTÁ DORMINDO NA SALA DE ESPERA. ANA FRIDA APARECE E FALA BAIXINHO, PRA NÃO ASSUSTAR SUA PACIENTE. É O RAIAR DO DIA. OS PASSARINHOS CANTAM.

ANA FRIDA (BAIXINHO) Vamos entrar? (SINDROMÍ CONTINUA DORMINDO).

ANA FRIDA (MAIS ALTO) Vamos entrar?(SINDROMÍ DEIXA A CABEÇA DESPENCAR DE SONO. ANA FRIDA QUASE GRITA).

ANA FRIDA (GRITANDO) Vamos entrar?!!!! (SINDROMÍ ACORDA NUM PULO E VAI ESBARRANDO EM TUDO ATÉ CHEGAR NA SALA).

SINDROMÍ - Dona Frida, se tiver outra sessão tão cedo assim, a senhora vai falar direto com o meu inconsciente. Nossa, que sono!

ANA FRIDA – Você não quer deitar?

SINDROMÍ - Hoje não, brigada. Se eu deitar eu durmo. Juro que não é resistência. Já habituei ficar deitada sem ver a sua cara. Sabe quanto tempo eu dormi? (SILÊNCIO).

SINDROMÍ – Ah, desculpe. Essas perguntas a senhora não responde, nem fala nada. Mas eu fui dormir (OLHA O RELÓGIO) agora. Tive outra discussão com o Paulinho. Não adianta, que ele não aceita separar. Pior é que ele não entende que não adianta, que eu não quero ficar com ele mesmo. Eu fico triste também, mas tem uma hora que eu não consigo nem ver a cara dele. Dá pena dele... (SILÊNCIO).

ANA FRIDA – E você não fica com pena de você também?

SINDROMÍ – Também... É, às vezes eu esqueço de ficar com pena de mim.

ANA FRIDA – Está na hora de pensar nisso, não é?

SINDROMÍ – É, tá na idade de ter um pouco de pena de mim também...

ANA FRIDA – Não foi isso que eu falei.

SINDROMÍ – Já sei. Eu sou uma criança, e criança não tem idade.

ANA FRIDA – Eu também não falei isso.

SINDROMÍ – Ta bem, fui eu quem disse. Mas eu não sei me livrar do Paulinho. Não sei se eu fico com ele só pra ter companhia. Porque se eu quisesse de verdade, eu já tinha mandado um dos meus seguranças pôr ele pra fora daquela casa... Um dia desse eu faço isso. De manhã cedo então, eu tenho vontade de cuspir na cara dele. Ele ronca. Ai, que saco o Paulinho!

(SILÊNCIO. SINDROMÍ NÃO AGUENTA E DÁ UMA DORMIDINHA. ACORDA DE SUSTO QUANDO A CABEÇA CAI).

ANA FRIDA – Acho que você já sabe bastante sobre o que está acontecendo com o seu... casamento. Sindromí, você tem medo de ficar sozinha?

SINDROMÍ - (FOI PEGA NA VEIA) Tenho (ESBOÇA UM POSSÍVEL CHÔRO)... Eu ainda tenho medo de dormir no escuro... Eu não sei mais viver sem um homem na minha cama... Dona Frida, eu não quero ficar nem com ele nem sem ele. Dá pra entender? Parece vício... Nem comer sundae eu gosto mais. Eu adorava sundaes. Foi o que nos uniu... Eu sei que ele não é mau. Mas acabou! Meu deus, que angústia... Me ajuda, Dona Frida?

ANA FRIDA – Você não se sente capaz de se ajudar?

SINDROMÍ – A senhora sempre me responde com uma pergunta. Reparou? (SILÊNCIO).

ANA FRIDA – Agora já está na nossa hora.

SINDROMÍ – Sabia. Dona Frida, eu não posso vim na próxima sessão tão cedo que nem hoje. Vou gravar até tarde hoje, e amanhã eu preciso dormir.

ANA FRIDA – Você pode vir amanhã à tarde.

SINDROMÍ – Poder, não posso porque eu tenho uma entrevista coletiva de tarde. Mas eu vou dar um jeito.

ANA FRIDA – Então, amanhã às 5 da tarde.

SINDROMI – Tá, legal. Vou pedir prum boy trazer seu cheque hoje a tarde.

ANA FRIDA – Ok. Então, até amanhã.

SINDROMÍ – Até.

PASSAGEM DE TEMPO PARA A TERCEIRA PARTE:

1ª SAÍDA : SINDROMÍ VEM DA COXIA E ANA FRIDA APARECE NO CORREDOR PARA SE DESPEDIR.

ANA FRIDA – Então, até amanhã.

SINDROMÍ - (SEGURANDO O CHÔRO) Até.

2ª SAÍDA : SINDROMÍ SAI DA MESMA COXIA COMO SE ESTIVESSE SAINDO DA SALA. ESTÁ SORRIDENTE.

ENTRADA PARA A ÚLTIMA PARTE DA CENA. ANA FRIDA ESTÁ ESPERANDO SINDROMÍ NA ENTRADA DO CORREDOR.

SINDROMÍ – Desculpe o atraso. Tava um trânsito danado.

ANA FRIDA – (IMPECÁVEL) Vamos entrar?

ÚLTIMA PARTE DA ANÁLISE FREUDIANA. SINDROMÍ ESTÁ DEITADA NO DIVÃ, DE COSTAS PARA ANA.

SINDROMÍ – Ana, esses seis meses de análise me ajudaram pacas, sabia? Acho que se eu não tivesse encontrado você, eu nunca ia ter coragem pra me separar do Paulinho e fazer o meu aborto sem culpa... Eu !crsci” muito com você. Aliás, eu cresci mesmo, 2 centímetros. Minha mãe é que ta meio doida. Só pensa em dinheiro. Ta marcando um show atrás do outro. Ela vai me matar de tanto cantar. E ainda mil contratos de comercias. É bom porque não dá tempo de ficar triste com a história da separação do Paulinho. Pôxa, lembra? No começo eu não parava de chorar. Agora, mesmo que eu queira chorar, não dá, não dá tempo. Chorar... chorar! Chorar!

ANA FRIDA – Você quer chorar, Sindromí?

SINDROMÍ – Quero, mas não consigo. (COMEÇA A CHORAR) Consegui... Ai, que bom. (CONTINUA CHORANDO) Graças a Deus. Tava engasgado, esse choro. Minha mãe devia sacar que eu queria chorar, né?

ANA FRIDA – Por que ela devia “sacar”?

SINDROMÍ – Porque ela é minha mãe.

ANA FRIDA - E mãe tem que sacar isso?

SINDROMÍ – Acho que sim. Parece que ela não é mais a minha mãe. É só a minha MANAGER.

ANA FRIDA – Mas ela é a sua mãe.

SINDROMÍ – Será? Eu não lembro mais dela como mãe. Parece que ela foi só minha empresária.

ANA FRIDA – Você não consegue tratar ela como mãe?

SINDROMÍ – Não, Ana. Ela é quem não consegue me tratar como uma filha. Acho que nunca conseguiu. (SILÊNCIO).

ANA FRIDA – E como ela consegue tratar você?

SINDROMÍ – Como se eu fosse uma máquina de fazer dinheiro. Só fala da agenda, dos shows, das entrevistas, projetos, sei lá... Sabia que ela nunca conversou comigo sobre a separação do Paulinho? E ela viu que eu sofri pra burro... Eu tento mostrar pra ela que ela não é só minha agente, que ela também é a minha mãe! Ela parece que não quer escutar...

ANA FRIDA – Mas você já falou com ela sobre isso, como está falando comigo?

SINDROMÍ – Não. Mas ela não faz nem uma forcinha pra perceber... Ela é meio estranha, Dona Frida. Acho que ela é maluca. Ou, ficou maluca...

ANA FRIDA - Tem mais alguma coisa que você acha da sua mãe e não tem coragem de falar? (SILÊNCIO).

SINDROMÍ – Ela é má. (SILÊNCIO). Ai, que alívio. (COMEÇA A RIR, NÃO UM RISO SARCÁSTICO, UM SORRISO DE ALÍVIO). Ela é má. Só isso que eu acho dela agora. Ela é má. Pôxa, como é difícil falar que a mãe da gente é má. Mas como é bom falar isso.

ANA FRIDA – Acho que terminoun o nosso tempo.

SINDROMÍ – O seu tempo, Dona Frida. O meu ainda vai continuar...

ANA FRIDA – Não entendi.

ENTRA FUNDO MUSICAL DE TRIUNFO.

SINDROMÍ – Eu estou dando a minha alta. Foi muito legal, mas eu quero andar com as minhas próprias pernas. Não quero ficar dependendo de análise. E acho que já deu o que tinha que dar... Eu quero experimentar, sozinha, as coisas que eu descobri aqui com a senhora. E já tem muito tempo de análise.

ANA FRIDA – Só seis meses.

SINDROMÍ – Pois é, quase um décimo da minha vida. Pra senhora, que está velha, pode parecer pouco, mas pra mim é muito tempo. Foi bom te conhecer. Foi boa a análise. Agora eu vou pro mundo. Pode deixar que vou recompensar a senhora muito bem. (SILÊNCIO).

ANA FRIDA – Você ainda quer falar mais alguma coisa?

SINDROMÍ – Eu detesto despedidas. (ENGOLE O CHÔRO) Não vou dizer adeus. (VAI SAINDO. ANA FRIDA LEVANTA PRA LEVAR ELA ATÉ A PORTA).

SINDROMÍ – Fica aqui. (SAI) Até logo. Até um dia. A gente se esbarra por aí... (SINDROMÍ DESAPARECE. ANA FRIDA FICA NUM SUPER-CLOSE. ESTÁ EMOCIONADA).

ANA FRIDA – Se cuida. Boa sorte. (TEMPO) Pobre criança! Se ela soubesse...

PASSAGEM 3 : LIMOUSINE – AUTÓGRAFOS NA CIDADE.

-UMA LIMOUSINE BRANCA ESTACIONA EM “QUALQUER LUGAR”. SINDROMÍ ABRE A PORTA. SAI. APARECE NO PALCO AO VIVO. SURGE A IMAGEM DE MILHARES DE FÃS NA SUA DIREÇÃO. QUANDO DÃO A IMPRESSÃO DE ESTAREM PERTO DEMAIS, ELA FOGE PARA AS COXIAS E NO VT VEMOS UM AMONTOADO CONSEGUINDO UM AUTÓGRAFO DA ESTRELA. ELA NÃO APARECE, MAS DEVE ESTAR NO MEIO DELES, ENCOBERTA. CORTE.

-AS PORTAS DE UM RESTAURANTE CHIQUE SÃO ABERTAS PARA NOSSA SUPER-STAR ENTRAR. MAIS UMA VEZ A ATRIZ VEM DA COXIA COMO SE ESTIVESSE ENTRANDO NO RESTAURANTE. DE NOVO, O PESSOAL QUE ESTÁ NO LUGAR SE LEVANTA COM PAPÉIS, GUARDANAPOS E CANETAS PARA PEDIR UM AUTÓGRAFO DE SINDROMÍ. FICAM MUITO PERTO, ATÉ ELA FUGIR MAIS UMA VEZ PARA AS COXIAS. FAZ-SE OUTRO “BOLO DE GENTE” AO REDOR DELA. NÃO A VEMOS, MAS UM BRACINHO COM UMA CANETA DEVOLVE UM PAPEL ASSINADO PARA UM GARÇON. CORTE.

-IMAGEM DE UM LUGAR DESERTO, COMO UMA FLORESTA. SINDROMÍ ENTRA NO PALCO SE ESGUEIRANDO, PARA NINGUÉM ATACÁ-LA. OLHA PARA TODOS OS LADOS. CORRE DE UM CANTO AO OUTRO DO PALCO. DE REPENTE, ÍNDIOS COM FÔLHAS SECAS E CANETAS IMPROVISADAS APARECEM E VÃO ATRÁS DE SINZINHA. ELA FOGE MAIS UMA VEZ PARA AS COXIAS E OS ÍNDIOS VÃO AO SEU ENCALÇO, COMO SE FOSSEM A UMA GUERRA. CORTE.

-IMAGEM DE UMA CAMIONETE CAMUFLADA QUE PÁRA DIANTE DE UMA MANSÃO. PRIMEIRO SALTAM OS SEGURANÇAS (ENORMES), DEPOIS SINDROMÍ DISFARÇADA DE “BONECA”. A “BONECA” ENTRA NA MANSÃO. PODE SER O MICKEY.

CENA 10 CASA DE BRINQUEDO – COTIDIANO DE UMA “ESTRELINHA”.

SINDROMÍ VAI ENTRANDO EM CASA. PRIMEIRO O LADO DE FORA – IMAGENS DE UM JARDIM MAGNÍFICO. ELA VAI PASSANDO POR ESSAS PAISAGENS NO VT, ENQUANTO ESTÁ TIRANDO SEU DISFARCE. ENTRA NA CASA JÁ COM SUA ROUPA COMUM, QUE ESTAVA POR BAIXO. NUMA JANELA, O INTERIOR DA CASA COM MIL URSINHOS ESPALHADOS, BONECAS, BARBIES E OUTROS BRINQUEDOS. AS

PAREDES SÃO ROSA. CANSADA, PORÉM ANIMADINHA, SENTA-SE NUMA POLTRONA QUE MAIS PARECE UM TRONO. NO BRAÇO DA POLTRONA TEM UNS BOTÕES COM UM INTERFONE QUE LIGA A VOZ E A IMAGEM DELA A OUTROS COMPARTIMENTOS DA CASA. SINDROMÍ ACIONA O 1º BOTÃO E FALA COM A CENTRAL TELEFÔNICA. UMA SINDROMETE VESTIDA A CARATÉR ESTÁ RECEBENDO E FAZENDO VÁRIAS LIGAÇÕES. OUVIMOS O RESTINHO DA FALA DE SINDRO 1 COM ALGUÉM.

SINDRO 1 - “Vou ver o que eu posso fazer por você...”

SINDROMÍ - Crianças, cheguei. Meninas, meninas, meninas. (FALA PRA SI MESMA) Tenho que aumentar o quadro de Sindrometes nessa casa... (À TELEFONISTA) Algum recado pra mim, Sindro 1?

SINDRO 1 - (FALANDO PARA A CÂMERA COMO SE FOSSE UM INTERCOMUNICADO VISUAL) Sua mãe ligou e pediu pra você ligar assim que chegar. Ela quer conversar sobre o contrato da Tv, que renova no final do mês. Sua ex-analista quer notícias. O Paulinho já deixou 3 recados, parece meio desesperado. A gravadora avisou que amanhã tem gravação da sua voz às 3 da tarde. Um empresário americano quer ter uma reunião com você pra falar sobre um “TALK SHOW” para Latino-americanos de Miami. Uma revista infantil quer uma entrevista exclusiva sobre a sua separação com o Paulinho. O Paulinho já falou a parte dele e eles querem ouvir a sua versão da história. E o resto é fã que furou o bloqueio e o pessoal da produção do programa da Tv, acho que é coisa de roupa, umas besteiras. Quer que eu faça alguma ligação, Sinzinha?

SINDROMÍ - Não. E se alguém ligar pra linha vermelha diz que eu ainda não cheguei. Liga pra mamãe e diz que eu fui passar 2 dias em Miami, pra fazer umas compras de equipamento de som. Tô sem saco pra mamãe. O Paulinho, coitado, diz que eu não tô a fim de ver ele agora. Diz que eu tô querendo dar um tempo. A Ana Frida, minha ex-analista, você manda um cheque com umas flores e assina por mim um cartão agradecendo por tudo, e inventa uma desculpa que eu tô muito ocupada, mas tô legal. O americano... Dá uma enrolada nele e diz que eu ligo assim que eu tiver um tempinho. Ah, a entrevista, diz que eu não quero falar da minha vida pessoal e que se o Paulinho falar alguma coisa que prejudique a minha imagem, é mentira e eu vou processar ele por isso. E chega, né? Me liga com a cozinha que eu tô morta de fome. (A TELEFONISTA MEXE NUMA PORÇÃO DE FIOS E TRANSFERE PRA COZINHA. A COZINHA É COMO UMA GRANDE LANCHONETE, CHEIA DE SINDROMETES COZINHANDO). Tô morta de fome. Que é que tem pro lanche?

SINDRO 2 – (PARA A CÂMERA) Dois hamburgers, alface, queijo, molho especial, cebola e picles num pão com gergelim, batata frita e um sundae duplo.

SINDROMÍ – Não, eu não quero saber de sundae.

SINDRO 2 - Mas é o que você mais gosta, Sinzinha. E tá cheio de castanhas, não é amendoim.

SINDROMÍ - Mudei. Mudei muito depois da análise, sabe. Agora só vou tomar milk shake. Avisa isso pra turma. Quero experimentar todos os sabores, e põe calda chocolate neles. Quando trouxer meu lanche, passa no almoxarifado e manda um calmante, um remédio pra dor de cabeça, que eu tô naqueles dias. Ah, manda também um excitante pra eu tomar depois, porque eu tenho que decorar um anúncio pro lançamento da minha pochetezinha. Manda logo que eu tô morta de fome, de dor de cabeça e também tô muito agitada, tá?

SINDRO 1 - (APARECE NO VÍDEO – CIRCUITO INTERNO) Que horas você vai gravar o comercial, Sinzinha?

SINDROMÍ - De tarde, então pode avisar pro estúdio de som que eu só vou poder pôr a voz depois de gravar o comercial.

SINDRO 1 – Que horas você vai estar lá?

SINDROMÍ – Umas duas da manhã, por aí. (APERTA VÁRIOS BOTÕES. SUA VOZ SAI AMPLIFICADA) Gente, amanhã vai ser brabo o dia. Descola umas receitas d umas bolas bem fortes pra eu segurar a onda!

SINDROMETE 3, QUE ESTÁ NUMA SALA ONDE TEM FAX, XEROX, UMA MONTANHA DE CARTAS E UM TELEX, SURGE NO CIRCUITO.

SINDRO 3 – Sinzinha, o que é que eu faço com essa tonelada de carta dos fãs?

SINDROMÍ – A Tv mandou de novo essas cartas pra cá?

SINDRO 3 – Mandou.

SINDROMÍ – Manda umas fotos autografadas.

SINDRO 3 - São mais de 20 mil.

SINDROMÍ - Manda de volta pra Tv. Ou manda de volta pros fãs e põe “endereço errado”. (RI) Não agüento mais ver, ouvir, falar, pegar, sentir cheiro de criança. São todos tão crianças. Ai, que saco! Nossa, tô de saco cheio de tudo! Saco, saco, saco! Ai, que mau humor! Que tédio! (APERTA UM BOTÃO QUE DÁ PARA UMA SALA DE SOM. A SINDROMETE 4 ESTÁ AGUARDANDO).

SINDRO 4 - E aí, Sinzinha?

SINDROMÍ – põe uma música pra eu dar uma relaxada. Vou ensaiar uma coreografia, pra arejar.

TOCA ALTÍSSIMO UMA DISCO-MUSIC HEAVY. NUM VT VEMOS FLASHES DAS PARTES DA CASA JÁ MOSTRADAS, COM LUZES DE BOITE. NO OUTRO VT VEMOS A VISTA DA CASA DE SINDROMÍ À NOITE, PARECE QUE ESTAMOS NUMA COBERTURA EM NOVA YORK: A CIDADE BRILHA LÁ FORA. O BIG MAC APARECE NA TELA, O MILK SHAKE, O FAX, A CENTRAL TELEFÔNICA, A XEROX, A MONTANHA DE CARTAS, OS URSINHOS, ETC. SINDROMÍ SE SOLTA NA COREOGRAFIA ENQUANTO SE COMUNICA COM A CASA.

SINDROMÍ - (CANTANDO E GRITANDO) Ai, minhas pernas! Tô ficando velha! Não consigo mais fazer a coreografia de Natal! Vou inventar uma balada! E aí, garotas? A patroazinha ta bonita?

SINDROS – Linda!

SINDROMÍ - Vou vender muitos disquinhos?

SINDROS - Vai sim, Sinzinha!

SINDROMÍ - E as pochetezinhas?

SINDROS – Vão arrasar!

SINDROMÍ – Vou mandar fazer um parque de diversões só pra gente!

SINDRO - Que legal!

SINDROMÍ - E um, e dois...

SINDROS - E três, e quatro...

SINDROMÍ - E cinco, e seis...

SINDROS – E sete, e oito...

SINDROMÍ - Pulando! (PULA).

SINDROS - Alongando! (SINDROMÍ ALONGA).

SINDROMÍ - Na ponta dos pés! (FAZ).

SINDROS - Na ponta das mãos! (SINDROMÍ FAZ).

SINDROMÍ - De novo, um, e dois!

SINDROS - E três, e quatro!

SINDROMÍ - (FAZ SINAL DE CORTA. DESLIGA-SE O SOM) Chega! Não adianta. Agora tô com fome, dor de cabeça, mal humor e cansada!

SINDROS - Se anima, Sinzinha!

SINDROMÍ - Enchi! Quero comer uma banana split especial!

SINDRO 2 - Ta saindo.

SINDROMÍ - No capricho. Com muita castanha. Aí, tô ligadaça. Essa bola é muito forte! Me dá uns maus humores... Traz um whisky! Gente, cancela tudo da minha agenda. Não tô a fim de sair de casa. Vou ver uma reprise de um programa meu pra ver se anima! (LIGA A TELEVISÃO E COMEÇA A PASSAR U PROGRAMA “ANTIGO” DE SINDROMÍ).

CENA 11 - BRIGA COM A MÃE - RESCISÃO CONTRATUAL.

TOCA O TELEFONE “VERMELHO”, COMO SE FOSSE O DO BATMAN. A CAMPAINHA TEM O SOM DE UMA SIRENE. SINDROMÍ DESLIGA ATV. VOLTAMOS A VER NOS VTS A VISTA DA CASA DELA. AGORA ESTÁ DE DIA. A TRANSIÇÃO DE VT E LUZ DÁ A IMPRESSÃO DE QUE SINDROMÍ PASSOU A NOITE ACORDADA VENDENDO SEUS PROGRAMAS. DURANTE O TELEFONEMA NÃO VEMOS A MÃE, SÓ OUVIMOS SUA VOZ, VINDA DO TELEFONE.

SINDROMÍ - Já vai! Já vai! Tô indo, só um minutinho! (TIRA O TELEFONE DO “PORTA-QUEIJO”) Oi, é você, não é?

MÃE - Quem mais poderia ser, minha filha?

SINDROMÍ - (PUTA) Mais ninguém, né, mãe? Só você sabe o código secreto...

MÃE - Sinzinha, posso saber porque você desmarcou toda a sua agenda? Que foi? Tá doente? Qual é problema?

SINDROMÍ - Não sei. São vários problemas... Tô cansada... Tô achando tudo um tédio... Tensão pré-menstrual... Ah, mãe, tô tão sem rumo... Não tô legal...

MÃE - E por que você não “tá legal” o resto do mundo também tem que não ficar legal? O pessoal do comercial que você tinha que gravar “nã ta legal”, e estão me enlouquecendo, sabia? A gente precisa se encontrar com o advogado pra resolver a renovação do contrato com a TV. Tem mil entrevistas marcadas pra amanhã. Não tá fácil controlar isso tudo com você DESAPARECIDA.

SINDROMÍ - Mãe, você não ouviu? Eu não tô legal.

MÃE - Sinzinha, eu prometi que você ia gravar o comercial em meia hora...

SINDROMÍ - Mãe, eu não tô legal!

MÃE - Não precisa estar “legal”. É só gravar esse bendito comercial e voltar pra casa...

SINDROMÍ - Mãe, eu não vou sair de casa. EU NÃO Tô LEGAL!

MÃE - Mas é muito dinheiro, Sinzinha!

SINDROMÍ - Mãe, eu não tô à venda.

MÃE - Lá vem você de novo com essa história... Quem disse que é uma venda? Eu não estou vendendo, estou alugando. Empréstimo, minha filha...

SINDROMÍ - Eu não vou e pronto. Chega de falar de dinheiro. Eu sou sua filha! Quer fazer de conta que você é a minha mãe, de vez em quando? Saco! Parece que eu só sirvo pra fazer dinehiro! Você é minha mãe! Mãe! Eu, filha, você mãe! Você sabia isso?

MÃE - Sinzinha, que história é essa? Quer me ofender? Eu si que eu sou sua mãe. Sei muito bem disso. Seu parto foi uma loucura. Doeu muito, você sabe muito bem. Já te contei essa história...

SINDROMÍ - Mil vezes...

MÃE - E não me interrompe! Quase morri no seu parto. Você era um bebê imenso, quase me matou... (IMPROVISA UM CHORO DE CHANTAGEM) Eu pedi tanto pros médicos fazerem uma cesariana... Mas eram todos moderninhos... Homens não deveriam ser “parteiros”. Eles não sabem o que uma mulher passa... E depois, crescem as filhas e dizem que a gente não é mãe...

SINDROMÍ - Pára, mãe!

MÃE - Eu sou mãe, sim. E também sou MANAGER. E também sou mulher!

SINDROMÍ - Não precisa mais.

MÃE - Não precisa mais o quê?

SINDROMÍ - Ser a minha MANAGER.

MÃE - E quem vai cuidar dos negócios?

SINDROMÍ - Sei lá. Eu quero que você seja só a minha mãe.

MÃE - Mas eu não quero. Eu quero ser sua mãe e sua MANAGER.

Que foi que eu fiz pra você me castigar dessa maneira? Você que eu adoro ser sua MANAGER. Eu me dediquei a isso. Eu vivi pra você, minha filha. Você quer tirar uma parte da minha vida? E logo agora que a gente ta faturando tanto? Isso não é justo. Isso não ta certo.

SINDROMÍ - Eu não quero mais você como minha MANAGER!

MÃE - Você ta maluca? Você viu o que você falou?

SINDROMÍ - Eu não quero mais você como minha MANAGER. Ouvi. Ouvi e gostei do que eu falei. E tem outra coisa: você é má e só pensa em dinheiro! Você nunca foi minha mãe. Só na hora do parto, e olhe lá.

MÃE - SINZINHA! Chega!

SINDROMÍ - Chega você, sua vampira, sangue-suga. Frustrada, recalcada, medíocre. Você queria ser eu, e você é você. E eu quero você longe de mim. Não quero mais papo. Já que você nunca conseguiu ser a minha mãe, também não vai ser a minha MANAGER!

MÃE - Nós temos um contrato!

SINDROMÍ - Foda-se o contrato. Vai à luta. (SOLTA O TELEFONE NO AR E SAI FURIOSA). Merda!

MÃE - Você vai se arrepender por isso. Sua mal agradecida. Eu investi em você. Eu vou procurar o melhor advogado pra fazer a nossa rescisão de contrato! Vão custar muito caro essas palavras de ofensa! Eu gravei toda a nossa conversa na secretária eletrônica! Você vai se arrepender! Você vai ver como eu sou “má”! O quanto eu “não sou sua mãe” Eu só penso em dinheiro? Pois vamos ver como você vai ter que pensar em dinheiro pra me ressarcir dos prejuízos! A vampira, sangue-suga e sei lá mais o quê, vai te custar muito dinheiro. E você também gosta muito de dinheiro. Mimada! Estrela! Exibida! Palhaça! (ETC. E TAL).

DESLIGA E DÁ SINAL DE OCUPADO.

CENA 12 MÚSICA DE SUCESSO – PRODUTOR DA GRAVADORA E EXPERIÊNCIA HOMOSSEXUAL

SHOW NUM LUGAR ABERTO. PALCO MONTADO NAS AREIAS DA PRAIA DE COPACABANA. VERÃO NO RIO. AS SINDROMETES INVADEM O PALCO COM UMA COREOGRAFIA ANIMADÍSSIMA. O CLIMA É: “VERÃO – ALEGRIA DE VIVER”. PODEM ESTAR VESTIDAS DE ACQUA-LOUCAS. FAZEM CARETAS, PÕEM A LÍNGUA PRA FORA, ABANAM AS MÃOS ATRÁS DAS ORELHAS, DÃOS CAMBALHOTAS E FAZEM PALHAÇADAS, TUDO SINCRONIZADO. CONTINUAM A DANÇAR, ENQUANTO O PRODUTOR ANUNCIA A NOSSA ESTRELA.

PRODUTOR - Agora, o que vocês todos esperavam! A menina prodígio! A princezinha! A estrela-mirim de toda a América Latina e, daqui a pouco, de todo o Mundo!!! Sindromí! A nossa Sinzinha!!!!

OUVIMOS O PÚBLICO EXPLODIR EM APLAUSOS, GRITOS E UIVOS. SINDROMÍ ENTRA EM CENA MANDANDO BEIJOS E, NUM SEGUNDO, INCORPORA PERFEITAMENTE A COREOGRAFIA DAS OUTRAS MENINAS. CANTA E DANÇA. NO MEIO DA MÚSICA, VEMOS FLAHES DO PRODUTOR CONTANDO O DINHEIRO DA BILHETERIA.

SINDROMÍ - “Brinque, brinque mais
 Dance, dance mais
 A criança que está dentro de você
 Quer se mostrar
 Jogue, jogue mais.
 Jogue tudo, essa vida é um jogo...
 Já dizia o velho autor inglês:
 “A VIDA É UMA HISTÓRIA DE SOM E FÚRIA
 CONTADA POR UM IDIOTA!” IDIOTA! IDIOTA!
 O sonho da criança de hoje pode ser
 A realidade de amanhã.
 Homem, mulher, criança, velho, jovem,
 Todo mundo tem uma criança guardada...
 Dormindo. Vamos acordar! Aumenta o som!
 Ta na hora de inventar, levantar, desesperar...
 A criança quer falar, quer cantar, quer dançar
 Quer o mundo! É só abrir os olhos e o coração!!!

SINDROMÍ TERMINA A CANÇÃO E AGRADECE À PLATÉIA, QUE DELIRA EM APLAUSOS. VAI ANDANDO PELA COXIA, CORREDORES, ATÉ CHEGAR AO SEU CAMARIM. ESTÁ EXAUSTA. NA CAMINHADA, VAI TIRANDO ADEREÇOS E MAQUIAGEM. ENTRA NO CAMARIM E SENTA DIANTE DO ESPELHO PARA TIRAR COM UM ALGODÃO A MAQUIAGEM. NA PORTA, DOIS SEGURANÇAS BARRAM UMA FILA DE MENINOS-FÃS, COM PAPEL E CANETA NA MÃO PRA CONSEGUIR UM AUTÓGRAFO. SINDROMÍ RESOLVE ACABAR LOGO COM A ESPERA. PÕE UM ROUPÃO SOBRE A ROUPA E GRITA PRA “FORA”.

SINDROMÍ - (GRITANDO PRA FORA) Organiza a fila e deixa entrar o pessoal que quer autógrafo! Só vou atender, no máximo, 10 meninos! Tô muito cansada! Abre a porta e deixa entrar o primeiro!

ABRE-SE A PORTA E VEMOS UMA FILA ENORME DE GAROTOS. ENTRA O PRIMEIRO, SINDROMÍ DÁ UM BEIJINHO E ASSINA (MAGICAMENTE) NUMA FOLHA GIGANTE NO VT. O SEU NOME É UM RABISCO QUALQUER. FAZ A MESMA MECÂNICA COM MAIS UNS 5 GAROTOS, ATÉ QUE SONIÃO (UMA MENINA VESTIDA DE MENINO) ENTRA E DÁ UM BEIJO NA BOCA DE SINDROMÍ (NO CANTO DO QUADRO).

SINDROMÍ - (SEM PERDER O REBOLADO) Você é atrevido, hein, garoto?

SONIÃO - Eu não sou garoto, gatinha. Eu sou menina. Quer dizer, mais ou menos... Me chamam Sonião e eu tô a fim de transar contigo. Sou amarradona em você. Tenho todos os seus discos e te acho um tesãozinho. Vamos lá?

SINDROMÍ - Que é isso, garota? Não tô a fim de transar com meninas não.

SONIÃO - Por que?

SINDROMÍ - porque eu gosto de Homem.

SONIÃO - Já experimentou transar com mulher?

SINDROMÍ - Não, e não tô a fim.

SONIÃO - Não sabe o que está perdendo. E uma cantora famosa tem que passar por essa experiência. Todas as cantoras dão uma sapateada. Se você não experimentar, vai ficar por fora. Eu já transei com tudo que é cantora desse país, e se você ainda não teve essa “vivência”, eu sou a garota certa pra te aplicar essa aventura. Vai mudar a sua vida...

SINDROMÍ - Mas eu tenho certeza que não vou gostar.

SONIÃO - Mas é um absurdo não experimentar. Vai morrer sem conhecer esse lado da sua sexualidade?

SINDROMÍ - deve ser um saco. A gente fica batendo siririca uma pra outra?

SONIÃO - Que é isso, garota? É muito mais que isso. É o corpo de uma outra mulher pra você conhecer... Uma semelhante, que conhece mais que os homens os desejos do seu corpo... É o proibido... O carinho, a suavidade de uma outra mulher tocando o seu corpo. Você vai ver que é o maior barato.

SINDROMÍ - Sei lá...

SONIÃO - Deixa eu fechar a porta?

SINDROMÍ - Tenho medo.

SONIÃO - Mas eu não vou te machucar. Deixa eu fechar essa porta?

SINDROMÍ - Sei lá... Depois eu fico viciada nisso...

SONIÃO - Confia em mim. Você não quer conhecer todas as facetas da vida?

SINDROMÍ - Acho que sim.

SONIÃO - Então? Eu vou fechar a porta. A gente vai experimentando, depois, se você quiser, pára, e eu vou embora.

SINDROMÍ - Se eu não gostar, você pára?

SONIÃO - Pode deixar, broto, eu não vou te violentar. (SINDROMÍ FAZ QUE SIM. SONIÃO FECHA A PORTA E OUVIMOS ESSAS VOZES-OFF):

Que loucura!

Assim não... mais devagar... que delícia... assim, assim, mais.

Gostosinha.

Gostosona.

Me come toda...

Te como toda...

Vira?

Calma. Pega na minha...

Eu pego na sua, e você pega na minha.

Ai. Ai. Ai. Ai. Ai.Ai.

Goza!

Paulinho, Paulinho, Paulinho...

NO MEIO DESSAS FALAS OUVIMOS AINDA GEMIDOS, RANGIDOS DE CAMA, ARFADAS SÔFREGAS, OBJETOS CAINDO NO CHÃO, UMA ESPÉCIE DE QUEBRADEIRA, BEIJOS E ETECÉTERAS E TAIS...

CENA 13 TERROR - DROGAS - PARANÓIA

NOS VTS, A VISTA DA CIDADE À NOITE. SINDROMÍ ENTRA EM CENA TRAVADA E PARANÓICA. TOCA O TELEFONE VERMELHO, ELA FICA EM PÂNICO. ANDA RÁPIDO E TRÊMILA. LIGA UMA SECRETÁRIA ELETRÔNICA E ROI AS UNHAS.

SEC. ELET. (VOZ DE UMA SINDROMETE) - Sinzinha! Eu sei que você ta aí. Atende. Você ta legal? A gente ta preocupada contigo. Disseram que você mandou desligar a casa toda e falou que não era pra te incomodar... Sin... Você não ta fazendo aquilo não, tá? É perigoso! Sai dessa, Sinzinha. Amanhã você vai estar quebrada e arrependida. Sin... Pára! Não faz mais isso não. Bom, você é quem sabe. Se precisar de alguma coisa, pode chamar. Não pega muito pesado não, tá?

SINDROMÍ - (TRAVADA, SEM CONSEGUIR FALAR DIREITO) Ta. Agora eu vou emburacar até acabar... E tem bastante.

SINDROMÍ ABRE UM ARMÁRIO (VT) E VEMOS UMA MONTANHA DE COCAÍNA. DESCONTROLADAMENTE, FAZ UMA CARREIRINHA GIGANTE NO VT E VAI ASPIRANDO COM UM CANUDINHO DE DINHEIRO. O SOM É DE TERROR. DEPOIS DESSA CARREIRA, O VT MOSTRA UM ESPÉCIE DE ABISMO EM QUE SINDROMÍ VAI “CAINDO”. A IMAGEM FAZ O MOVIMENTO AO CONTRÁRIO, DE SUBIR. SINDROMÍ FICA MAIS FISSURADA, PEGA UMJA SERINGA E, MAU E PORCAMENTE, INJETA O PRODUTO NOS “CANOS”. A IMAGEM DO VT FICA FORA DO PRUMO, COMO SE ELA ESTIVESSE TONTA. E CHÃO SE INCLINA DE UM LADO PARA O OUTRO. SINDROMÍ VAI SE EQUILIBRANDO ATÉ CHEGAR À BOCA DE CENA.

SINDROMÍ - Eu não agüento mais! (O CHÃO VAI VOLTANDO AO NORMAL) ‘Guento sim. Vou fazer uma dose dupla. Vou fumar unzinho pra relaxar e tomar um golinho de whisky pra baixar um pouco. Ah, um leitinho... Pra cortar um pouco. E um calmante pra preparar a volta. (TOMA ESSE COQUETEL) Vou abrir a janela pra respirar um ar puro. (ABRE A JANELA. GRILA E FECHA NOVAMENTE) Tem alguém aí? (OUVIMOS O ECO DA SUA VOZ: “TEM ALGUÉM AÍ?”. VAI ATÉ A PORTA – EM VT GRANDE – OLHA PELO OLHO MÁGICO. NÃO TEM NADA DO LADO DE FORA. VAI ÀS COXIAS VER SE TEM ALGUÉM; NA BOCA DE CENA; NO FUNDO. O CLIMA É TENSÍSSIMO) Cadê a lança que eu deixei aqui? (ECO DA VOZ: “AQUI?”. ENCONTRA UM FRASCO DE LANÇA-PERFUME. DESPEJA NUM LENCINHO E CHEIRA. O SOM É DE UM ZUMBIDO. SINDROMÍ CAI NA GARGALHADA. VOLTANDO A SI): Só tem um jeito de terminar com isso hoje, um cavalo.

VOZ OFF - O que é isso? (COM MUITA REVERBERAÇÃO)

SINDROMÍ - Heroína. Heroína pra mim não é só Maria Quitéria ou a Joana Angélica... É isso aqui (MOSTRA. ECO: “AQUI”).

PINTA NO VT UM PÓ AMARRONZADO. SINDROMÍ ASPIRA DO TELÃO E DÁ UMA GOLFADA NA “PLATÉIA”, UM SUSTO. AS IMAGENS ATRÁS VÃO “DERRETENDO” E O SOM TAMBÉM VAI FICANDO MELOSO. APAGA-SE A LUZ DE CENA E VEMOS UM CLIP DE DROGAS NO VT, COMO SE FOSSEM COMERCIAIS. COLA, ÉTER, COMPRIMIDOS, ÁLCOOL, ÁCIDOS E FINALEMNTÉ, UM MAÇO DE MACONHA (LINDO), UM PUNHADO DE COCAÍNA COM OS DIZERES: “COCAÍNA É DA BAYER, É PURA, É BAYER, É BOM!!” UM VIDRINHO DE GELÉIA COM HEROÍNA DENTRO : “COCAÍNA: FORÇA; HEROÍNA: INTELIGÊNCIA”.

CENA 14 CLÍNICA ANTI-DROGAS COM MÉDICO E A DESCOBERTA DE CLAUDINHO

IMAGEM AÉREA SOBREVOA UM TRIGAL IMENSO. MÚSICA QUE ACOMPANHA O PERCURSO É DO TIPO “CARRUAGENS DE FOGO”. FINALMENTE CHEGAMOS ATÉ O MÉDICO QUE ESTÁ FALANDO COM SINDROMÍ. CLOSE.

MÉDICO - É muito mais fácil se livrar da dependência quando o próprio viciado resolve se internar. (VENDO A BOLETA) Você é um caso raro. Eu nunca vi uma taxa tão alta, e uma mistura tão grande de drogas no mesmo sangue. (CONFERINDO) Você já tomou todos os tipos de alucinógenos e drogas catalogadas... Bom, mas chega de papo. Essa é a horta em que você vai trabalhar (MOSTRA UMA PLANTAÇÃO DE ALFACES) E esse será seu “coleguinha de enxada”. (MOSTRA O CALUDINHO NUM CANTO, CABISBAIXO, APOIADO NUMA PÁ) O nome dele é Claudinho. (A CLAUDINHO) Essa é a nova companheira, ela se chama Sinzinha. (A SINDROMÍ) Ele é um caso grave, mas não é violento. Não adianta tentar fugir porque os cães vão encontrar vocês. (APARECEM UNS DOBERMANS FURIOSOS), e eles ficam muito bravos com os “fujões”. E nada de moleza, quero vocês capinando o tempo todo. Vão suar bastante para desintoxicar e a horta ficar verdinha. Vou passar os nossos horários, Sinzinha: 5 e meia, de pé, banho tomado pra tomar o café da manhã no refeitório. (PEGA UMA LISTA DO BOLSO) Trabalhos agrícolas, na horta ou no pomar, até o meio-dia. Meio-dia e cinco, em ponto, almoço. Se atrasar, não come. Quinze minutos de sesta e volta pra roça. Quatro e meia, lanche no local de trabalho e daí direto pra marcenaria, para trabalhos manuais. Larga às sete. Missa às sete e quinze, na capela. Janta às oito e vinte, depois leitura da Bíblia até a hora de dormir. Qualquer tipo de rebeldia ou preguiça ou atraso, será anotado. Na segunda advertência, passa o dia trabalhando na pedreira. Agora eu vou entrar porque sou muito sensível ao sol. Crianças! Podem começar a terapia de trabalho ao ar livre, ou seja, vamos capinar! É um sacrifício pequeno comparado à prisão das drogas m que vocês estavam. E dêem graças a Deus de terem posses para poder se tratar na melhor clínica de recuperação de viciados infanto-juvenis da América Latina. Mãos à obra, os monitores estão de olho, hein? (OS MONITORES ESTÃO VESTIDOS COM UNIFORMES DO EXÉRCITO E MUITO ARMADOS. OS VEMOS AO FUNDO. O MÉDICO SAI. SINDROMÍ PEGA UM ANCINHO E COMEÇA A LIMPAR O TERRENO. CLAUDINHO DE REPENTE COMEÇA A CHORAR E A FALAR, AO MESMO TEMPO).

CLAUDINHO - Eu não vou conseguir... Eu não agüento mais... Eu não consigo viver careta... Eu preciso de um excitante pra ficar de pé. Eu tô fissurado... Eu sou um merda... (DESPENCA NO CHÃO E CHORA DESESPERADAMENTE).

SINDROMÍ - Calma, garoto. Não fica assim... Os monitores podem perceber...

CLAUDINHO - Danem-se.

SINDROMÍ - Você quer ir para a pedreira?

CLAUDINHO (REAGE E LEVANTA-SE) - Não, a pedreira não. Pelo amor de Deus, não deixa eles me levarem pra lá.

SINDROMÍ - Então não dá bandeira. Finge que está trabalhando. Há quanto tempo você ta aqui?

CLAUDINHO - Eu vou e volto. Mas eu comecei a tentar sair das drogas há uns dois anos.

SINDROMÍ - Quantos anos você tem?

CLAUDINHO - Vou fazer 13 no mês que vem. Mas tô acabado. Meu corpo envelheceu muito rápido...

SINDROMÍ - E por que você começou a se drogar?

CLAUDINHO - Pra me conhecer melhor. Saber os meus limites, o mundo me deixava muito insatisfeito e eu queria ter um prazer só meu. Queria me encontrar... Mas, acho que estiquei muito o elástico...

SINDROMÍ - Como assim?

CLAUDINHO - Eu, vê se você me entende?! “Só queria esticar o meu elástico pra ver se arrebentava”. É difícil de explicar...

SINDROMÍ - Eu entendi direitinho. Acho que eu queria a uma coisa parecida. (DANDO UM ESTALO) Era exatamente isso que eu sentia: “Eu só queria esticar o elástico pra ver se arrebentava”. É isso mesmo.

CLAUDINHO - E arrebentou?

SINDROMÍ - Arrebentou. Nossa! Foi horrível. Eu não quero mais esticar esse elástico...

CLAUDINHO - (PARANDO DE TRABALHAR) Mas eu não consigo parar. Também não consigo parar de falar sobre isso... Eu falo demais... Eu sou um chato, um deslocado, não tenho mais salvação, estou perdido, vou acabar maluco, nunca mais vou sair dessa maldita clínica, e eu odeio mato, horta, pomar, vida ao ar livre...

SINDROMÍ - Cala essa boca!

CLAUDINHO - (CHOROSO) Tá vendo? A gente mal se conheceu e você já tá me achando um chato. Não adianta mesmo, eu sou caso perdido, não posso viver em sociedade. Só em lugares como esse ou drogado.

SINDROMÍ - Pára de se desvalorizar dessa maneira e não pára de trabalhar, senão a gente vai acabar indo pra pedreira...

CLAUDINHO - Você também não tá trabalhando.

SINDROMÍ SE TOCA, PEGA O ANCINHO E COMEÇA A VARRER AS FÔLHAS. CALUDINHO PÁRA DEFINITIVAMENTE DE CAVAR A TERRA, LARGA A PÁ E SENTA-SE NUM MURO PARA “FALAR MAIS À VONTADE”. SINDROMÍ OUVI O DISCURSO DO GAROTO ENQUANTO TRABALHA.

SINDROMÍ - Agora eu tô trabalhando. Sai do muro, Claudinho, você não pode se entregar dessa maneira. (ENXUGA A TESTA) Nossa, que calor! Acho que eu já desintoxiquei tudo nessa horta. Tô me sentindo mais leve. Não é tão ruim assim trabalhar na lavoura. Eu tava mesmo precisando de um tranco. Claudinho, pega sua pá e vem trabalhar comigo.

CLAUDINHO - Não adianta. Eu não tenho mais motivação pra me curar. Perdi o gosto pela vida. Não tem pra quê, ou pra quem ficar bom...

SINDROMÍ - Pra você mesmo.

CLAUDINHO - Eu não me interesso por mim mesmo. Pra você é diferente, você é jovem, bonita, tem uma profissão, dinheiro, talento, gente que gosta de você, uma casa pra cuidar, um lugar pra voltar, amigos e, provavelmente, amores, pode ter filhos, pode ter uma família, uma vida nova, esperança, casa de campo, iates, carros, empregados, viagens...

SINDROMÍ - Pára, Claudinho. Tô ficando tonta com tanta coisa que “eu tenho”.

CLAUDINHO - Desculpe, eu falei demais de novo.

SINDROMÍ - Pára de pedir desculpas.

CLAUDINHO - Vou ficar mudo.

SINDROMÍ - Não precisa ficar mudo, Claudinho. Eu só queria que você não falasse sem parar. Você emenda uma palavra na outra, e não deixa espaço pro outro falar...

CALUDINHO - Eu não consigo parar de falar. Acho que é de família, minha mãe era uma falastrona. Nossa, como a mamãe falava, e ela tinha uma rapidez... Não enrolava a língua nunca. E como ela tinha assunto, ela emendava um assunto no outro com uma facilidade... Acho que eu herdei esse dom dela.

Desde pequeno eu falo muito. Jogando bola, na praia, no colégio, até vendo televisão: eu conversava com a TV, era incrível...

SINDROMÍ - Claudinho.

CLAUDINHO - Tô falando demais?

SINDROMÍ - Ta...

CLAUDINHO - Eu nem percebi.

SINDROMÍ - Mas eu percebi.

CLAUDINHO - Você quer falar? Aliás, o que é que você ia me dizer?

SINDROMÍ - Me esqueci.

CLAUDINHO - Quer que eu te ajude a lembrar?

SINDROMÍ - Não! Quer dizer, quero! Faz o seguinte, fica um tempinho em silêncio pra eu me concentrar.

CLAUDINHO - Ta legal. (FICAM MEIO MINUTO EM SILÊNCIO)

CLAUDINHO - Viu como eu consegui ficar sem falar? Ai, como foi bom esse silêncio.

SINDROMÍ - Pára! (TEMPO) Lembrei, eu ia falar que eu não tenho tantas “coisas” como você disse. Quer dizer, eu tenho fama, dinheiro, uma profissão e uma porção de coisas... Mas eu me sinto muito só. Eu sou uma mulher muito só. E largar as drogas, às vezes não faz nenhum sentido. Eu sinto um vazio muito grande.

CLAUDINHO - Mas você não é casada?

SINDROMÍ - Me separei.

CLAUDINHO - E a sua família?

SINDROMÍ - Briguei com a minha mãe.

CLAUDINHO - É fogo não ter onde pôr o afeto, né?

SINDROMÍ - É. Todo o resto fica inútil.

CLAUDINHO - Sinzinha, casa comigo.

SINDROMÍ - Mas eu não te amo, Claudinho. Nem te conheço...

CLAUDINHO - Eu não tô falando de amor. Tô falando de afeto, de necessidade de compartilhar alguma coisa com alguém. Tô falando de solidão. Quem sabe a gente pode se salvar um ao outro.

SINDROMÍ - Você acredita nisso?

CLAUDINHO - Não sei. Mas eu quero arriscar. E eu preciso acreditar em alguma coisa. Pode ser bom pra nós dois. E a gente já passou por muita barra pesada. De repente, a gente pode se entender.

SINDROMÍ - Parece tão frio?

CLAUDINHO - Depois das coisas que você conheceu, você ainda acha que a vida é um conto de fadas? Você acha que pode encontrar a sua alma gêmea?

SINDROMÍ - Não sei mais.

CLAUDINHO - Vamos nos salvar juntos. Sem magia e nem mistérios.

SINDROMÍ - Você acha que pode me ajudar?

CLAUDINHO - Acho que a gente pode se ajudar um ao outro... Na verdade acho que é a última chance da minha vida. E eu posso me esforçar pra te ajudar. Você vai ser a minha motivação. (DESESPERANDO DE NOVO) Por favor, Sinzinha. Não fica com medo. Eu prometo que vou fazer o melhor possível... Vamos embora daqui... Eu vou ser o marido, melhor amigo que você pode imaginar... Diz que sim. Por favor, pelo amor de Deus... Me dá essa chance...

SINDROMÍ - Pára. Ta legal. Chega, Claudinho. Eu topo. Agora se controla. A gente vai sair daqui. Já que é uma coisa sem pensar...

CLAUDINHO - Quem pensa, não casa.

SINDROMÍ - Deixa eu completar. Já que é assim, diferente, eu não quero casar oficialmente. Quero “amigar”. Sem festas, sem cerimônias. Só vamos ficar junto e pronto. Acho que vai me fazer bem cuidar de você. Já tô me sentindo mais forte. Vou providenciar tudo. A saída daqui, avisar a minha casa, avisar a sua casa, arrumar uma coisa pra você fazer, um trabalho qualquer... Vou fazer isso já! (VAI SAINDO).

CLAUDINHO - Espera. Me dá um abraço?

SINDROMÍ VOLTA SEM JEITO. OS DOIS SE ABRAÇAM. TOCA UMA MÚSICA MUITO TRISTE, AO FUNDO. A CÂMERA SOBE (GRUA) E VEMOS TODA A PLANTAÇÃO COM OS DOIS ABRAÇADOS LÁ EMBAIXO. A CÂMERA COMEÇA A PASSEAR PELA PLANTAÇÃO, DEIXANDO OS DOIS. IMAGEM DE NOITE, DIA E NOITE NOVAMENTE, FAZEM UMA PASSAGEM DE TEMPO.

CENA 20 DESCULPE, MAMÃE

SINDROMI ESTÁ CAMINHANDO DE COSTAS PARA O PÚBLICO. A IMAGEM É DE UMA RUA ESTREITA, AO ENTARDECER. UMA BELA MÚSICA ACOMPANHA O MOVIMENTO. ABRE A PORTA E COMEÇA A PASSEAR NO INTERIOR DA CASA DESERTA. O PONTO DE VISTA DO PASSEIO DAS IMAGENS É O DE SINDROMÍ (SUBJETIVA). PASSA POR UM QUARTO DE CRIANÇA COM A PORTA ENTREABERTA E FICA UM INSTANTE.

SEGUE NA DIREÇÃO DO FINAL DO CORREDOR E ABRE A PORTA. SUA MÃE ESTÁ SENTADA NA BEIRA DA CAMA, COMO SE A ESTIVESSE ESPERANDO.

MÃE - E aí?

SINDROMÍ - É isso aí.

MÃE - Então, ta.

SINDROMÍ - Que horas são?

MÃE - Seis horas. Que bom que você veio.

SINDROMÍ - Tudo está igual como era antes, quase nada se modificou. Acho que só eu mesmo mudei...

MÃE - E voltou.

SINDROMÍ - Não, eu não voltei. Aqui não é mais o meu lugar... Mas não foi pra isso que eu vim aqui. (SILÊNCIO REVELADOR. CLIMA. CLOSE DA MÃE).

MÃE - (DERRAMA UMA LÁGRIMA) Você me perdoa, minha filha? (SE ABRAÇAM NO CANTO DA TELA).

SINDROMÍ - Eu ia te perguntar a mesma coisa. (AS DUAS ESTÃO MUITO COMOVIDAS. TEMOS A IMPRESSÃO DE QUE SINDROMÍ SUBIU EM CIMA DA CAMA).

MÃE - Me perdoa por não te deixar ser criança.

SINDROMÍ - Desculpa por te fazer ficar mais velha.

MÃE - Me perdoa por eu não ter posto o dinheiro que você ganhou nos comerciais na sua caderneta de poupança.

SINDROMÍ - Desculpa eu gastar tanto dinheiro, mãe.

MÃE - Desculpe eu não ter te pego na saída da creche na sexta-feira daquele dia que eu tive que ir ao dentista.

SINDROMÍ - Mãe, desculpa eu ter medo de dormir no escuro.

MÃE - (LEMBRANDO E SORRINDO DA FRASE FEITA) “A gente não era sócia da Light”...

A MÃE LEVANTA-SE. PARECE QUE VAI SAIR.

SINDROMÍ - Agora eu sou. Eu comprei ações da Light pra diversificar os meus investimentos. (MÃE VOLTA PRA CAMA).

MÃE - A Light está sendo privatizada?

SINDROMÍ - Ta. É um ótimo negócio. Compre um pouco pra você...

MÃE - Outro dia eu compro. Mas, fala de você. Você acha que pode me perdoar por tudo de ruim que eu te fiz?

SINDROMÍ - Tudo? (PENSA BEM E CONTA NOS DEDOS. INAUDÍVEL). Não sei...

MÃE - É, eu acho que eu também vou guardar algumas mágoas em relação a você. Mas, se você me desculpar por eu não ter te levado à Disneylândia quando você tinha cinco anos e meio, naquele verão...

SINDROMÍ - (INTERROMPENDO) Claro, mamãe. Eu tinha que fazer tantos shows naquele verão.

MÃE - Mas aquele show extra que você fez na semana que ia embarcar para a Disney, fui eu quem marcou.

SINDROMÍ - Não foi a gravadora?

MÃE - (DRAMÁTICA. SECA) Não.

SINDROMÍ - Tudo bem, eu te perdôo por isso. Mas você vai ter que me perdoar por eu ter feito xixi na sua cama quando eu tinha quatro anos e meio.

MÃE - Claro, meu bem, afinal, você estava dormindo e foi sem querer.

SINDROMÍ - Eu estava acordada, e foi de propósito.

MÃE - Tá desculpada. (TEMPO). É lindo você falar comigo tão francamente.

SINDROMÍ - Você que é linda.

MÃE - Você é meiga.

SINDROMÍ - Você é que é.

MÃE - Você é humana, muito humana.

SINDROMÍ - Você é que é...

MÃE - Você é gente, inteligente, talentosa.

SINDROMÍ - Você é que é.

MÃE - Você é minha filha!

SINDROMÍ - Você é que é. Mãe, desculpa a dor do parto.

MÃE - É a vida, minha filha. Ta desculpada.

SINDROMÍ - Desculpa por eu ter nascido.

MÃE - Desculpa por eu ter te gerado.

CENA 25 CLÍNICA PARA STRESS – RELATO A UMA ENFERMEIRA CHOCADA

NOS VTS, CENAS DO INTERIOR DA CLÍNICA, COM MACAS PASSANDO APRESSADAS NO CORREDOR. PESSOAS EM CADEIRAS DE RODAS. A FAMOSA FOTOGRAFIA DA ENFERMEIRA PEDINDO ILÊNCIO. SINDROMÍ ENTRA EM CENA MOVIMENTANDO SUA CAMA-DE-RODAS, COM TODA A PARAERNÁLIA PRESA À ELA: SORO, TABULETA, ETC. VEM FUMANDO. A ENFERMEIRA QUE CONTRACENA COM ELA PARECE QUE A ESTÁ PERSEGUINDO. À MEDIDA QUE A ENFERMEIRA VAI FICANDO CHOCADA, A CÂMERA FECHA MAIS EM SEU ROSTO, ATÉ CHEGAR A UM SUPER-CLOSE-UP.

ENFERMEIRA - Eu já te avisei que os pacientes não podem fumar.

SINDROMÍ - Ah, tia, não adianta. Isso eu não consigo. Parar de beber já foi uma barra. Avisaram pro Claudinho que eu tava internada aqui?

ENFERMEIRA - Quem é o Claudinho? É seu irmãozinho?

SINDROMÍ - Não. É o meu segundo marido...

ENFERMEIRA (ESTUPEFATA) - Segundo marido?

SINDROMÍ - É. Porque o meu terceiro marido é um Buda. Deve estar meditando a uma hora dessas. É um imprestável, coitado...

ENFERMEIRA - Terceiro marido? Mas você só tem 11 anos!!!?

SINDROMÍ - Só tenho mais um mês pra aproveitar os meus onze anos, dia 10 tô fazendo doze. (SUSPIRO) Ah, meus onze anos, tenho saudades. Bons tempos.

ENFERMEIRA - Mas você é muito precoce!

SINDROMÍ - Comecei a trabalhar com três anos e meio de idade.

ENFERMEIRA - meu deus! Onde está a sua mãe?

SINDROMÍ - Coitada... Aquela, depois que eu comecei a falar da nossa relação pra imprensa, pirou de vez. Mas eu nunca deixei faltar nada pra ela.

ENFERMEIRA - Você é arrimo de família?

SINDROMÍ - E haja dinheiro. Mamãe é uma perdulária, não economiza isso (MOSTRA COM A MÃO).

ENFERMEIRA - Desculpe eu perguntar mas, porque você está aqui na clínica?

SINDROMÍ - Stress. Essa excursão pelo Brasil, ta me matando. Antigamente eu vinha por causa da depressão.

ENFERMEIRA (BOBA) - Depressão?

SINDROMÍ - Melhor depressão que over-dose de cocaína, né?

ENFERMEIRA (NÃO ENTENDENDO BEM) - Drogada?

SINDROMÍ - Depois alcoólatra.

ENFERMEIRA - Com que idade?

SINDROMÍ - O alcoolismo ou as drogas?

ENFERMEIRA - Tanto faz.

SINDROMÍ - Tanto faz porque não foi com você. Mas, primeiro foram as drogas. Eu tinha oito anos e três meses... Tava fazendo o maior sucesso e pirei. Ia pro colégio ligadaça.

ENFERMEIRA - Pelo menos você estudou.

SINDROMÍ - Mas foi um saco, completamente inútil. Eu já sabia o que ia ser quando crescer. Não tinha porque estar naquele lugar com aquelas meninas imaturas. Mas, o contrato com a TV obrigava. O alcoolismo é que foi bem pior: eu já sacava uma porção de coisas e a mina primeira análise fez eu sacar que eu tava bebendo só pra me destruir. (O CIGARRO ACABOU NOS DEDOS) Saco! Arruma um pra mim?

ENFERMEIRA - Eu não posso fazer isso.

SINDROMÍ - Ah, mas você tem a maior cara de fumante.

ENFERMEIRA (DESCONCERTADA) - É verdade.

SINDROMÍ - Então? Descola um pra mim...

ENFERMEIRA - Mas se descobrirem isso, eu estou demitida.

SINDROMÍ - Te pago um ano de salário.

ENFERMEIRA - De jeito nenhum. E você é muito criança pra fumar.

SINDROMÍ - O dobro do seu salário por dois anos. Ninguém vai descobrir. Por favos, pelo amor de Deus. Eu fumo desde os dois anos de idade, fui da chupeta direto pro cigarro. Tô precisando demais de um trago, senão eu não consigo pensar. (COMEÇA A SE AGITAR CONVULSIVAMENTE NA CAMA) Tô passando mal. Dá um cigarro pra mim?

ENFERMEIRA - Jura que não conta pra ninguém, mesmo?

SINDROMÍ - Quer que eu assine um documento? Um contrato?

ENFERMEIRA - Não precisa, toma. (MAGICAMENTE, PASSA O CIGARRO DA TELA PRA SINDROMÍ AO VIVO. MÁGICA DO CIGARRO NA MANGA).

SINDROMÍ - Pô, valeu tia!

ENFERMEIRA - Mas, o que você pretende fazer depois de sair daqui?

SINDROMÍ - Começar do zero. Passar uma borracha no meu passado. Reconstruir a minha vida.

ENFERMEIRA (ABSOLUTAMENTE CHOCADA) - Reconstruir a vida aos doze?

SINDROMÍ - Antes tarde do que nunca. E doze é uma linda idade para reconstruir a vida.